

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós- Graduação em Ensino de Ciências e Matemática
Mestrado Profissional



Dissertação

**QUANDO DOIS MAIS DOIS SÃO MAIS QUE QUATRO:
sucesso de alunos de escola de periferia
hoje acadêmicos da Licenciatura em Matemática da UFPel**

Nádia Regina Barcelos Martins

Pelotas, 2016

Nádia Regina Barcelos Martins

**QUANDO DOIS MAIS DOIS SÃO MAIS QUE QUATRO:
sucesso de alunos de escola de periferia
hoje acadêmicos da Licenciatura em Matemática da UFPel**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Faculdade de Educação, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Duarte Martins

Pelotas, 2016

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M379q Martins, Nádia Regina Barcelos

Quando dois mais dois são mais que quatro : sucesso de alunos de escola de periferia hoje acadêmicos da licenciatura em matemática da UFPel / Nádia Regina Barcelos Martins ; Maria de Fátima Duarte Martins, orientadora. — Pelotas, 2016.

96 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

1. Sucesso escolar. 2. Desenvolvimento humano. 3. Violência. 4. Escola pública. I. Martins, Maria de Fátima Duarte, orient. II. Título.

CDD : 370.9

Nádia Regina Barcelos Martins

**QUANDO DOIS MAIS DOIS SÃO MAIS QUE QUATRO:
sucesso de alunos de escola de periferia
hoje acadêmicos da Licenciatura em Matemática da UFPel**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 07 / 07 / 2016

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Duarte Martins (Orientadora)
Doutora em Psicologia Clínica pela Universidad de Belgrano – Buenos Aires - Argentina

Prof^a. Dr^a. Denise Nascimento Silveira
Doutora em Educação pelo PPGE da UNISINOS

Prof^o. Dr^o. Hudson Cristiano Wander de Carvalho
Doutor em Psiquiatria e Psicologia Médica da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof^o. Dr^o. Gomercindo Ghiggi
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho, com todo amor, à minha filha Morena como forma de incentivo e estímulo à leitura, ao aprendizado e ao prazer proporcionado pelo conhecimento, o qual ninguém nos pode tirar. O aprendizado é e sempre será nossa maior riqueza, minha pequena.

Às minhas afilhadas Rebeca Eduarda, Débora Carolina, Maria Carolina e Ana Carolina na esperança que valorizem a educação e depositem no ensino as expectativas e esperança de um mundo melhor.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço aos meus quatro ex-alunos por terem escolhido seguir minha profissão e me permitirem compartilhar suas trajetórias escolares.

À minha querida mãe, que mudou toda sua vida para possibilitar que as filhas pudessem dar continuidade aos estudos. Obrigada por sempre estar ao meu lado, ajudando-me em todas as ocasiões e incentivando-me no prosseguimento do meu aprendizado.

À minha irmã Diva e meu esposo Douglas, reconheço e agradeço todo esforço que fizeram para suprir minha ausência na vida de minha filha a fim de conseguir participar de eventos, realizar leituras e escrever este trabalho.

À primeira diretora, Raquel Benati, que me apresentou à Escola Mário Meneghetti e à atual diretora, Raquel Veiras que acreditou em meu carinho por este educandário e ambas contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Cintia Langie, que apresentou-me às graduandas Kelly Christ e Digliane Andrade, do curso de Cinema da UFPEL, às quais auxiliaram na realização e concretização do produto desta dissertação.

Por fim, à minha querida orientadora, amiga e companheira Néia. Obrigada por acreditar em meus sonhos e possibilitar-me escrever sobre algo que considero tão importante em minha vida. Certamente, “tornei-me um ser humano mais humano” depois de nossa convivência e da escrita destas trajetórias de vida.

Resumo

MARTINS, Nádía Regina Barcelos. **Quando dois mais dois são mais que quatro: sucesso de alunos de escola de periferia hoje acadêmicos da Licenciatura em Matemática da UFPEL**. 2016. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

Esta dissertação do PPGECEM/FAE/UFPEL descreve a trajetória escolar de quatro ex-alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti, situada no bairro Getúlio Vargas da periferia da cidade de Pelotas/RS, que hoje são acadêmicos do Curso de Licenciatura Plena em Matemática da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A pesquisa tem como objetivo apresentar a experiência de sucesso destes alunos, antes estudantes de escola pública em região considerada violenta e hoje graduandos de um curso superior, analisando suas vivências nos ambientes de aprendizagem por que passaram. Relacionou-se suas experiências com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Bronfenbrenner, com o referencial teórico de Lahire sobre as razões do improvável – quando alunos de classe baixa chegam à universidade -, com a violência escolar de Abramovay e com os êxitos paradoxais de Charlot. Trata-se de um estudo de caráter qualitativo que valeu-se de entrevistas semiestruturadas para conhecer a trajetória da vida escolar dos acadêmicos até sua entrada na universidade. Os resultados encontrados permitiram concluir que a vivência em um bairro considerado violento, onde os estudantes residem e estudaram, não influenciou negativamente seus sonhos de chegar à universidade. Os acadêmicos consideram suas famílias e os professores da escola pública onde estudaram os principais protagonistas por sua chegada à graduação. A escola municipal foi responsável pelas aprendizagens que os permitiram ingressar no ensino superior, mais precisamente ao Curso de Licenciatura em Matemática.

Palavras-chave: Sucesso escolar. Desenvolvimento humano. Violência. Escola pública.

Abstract

MARTINS, Nádia Regina Barcelos. **When two plus two equals more than four: successful stories of suburban school students attending a bachelor's teaching degree in Mathematics at UFPEL**. 2016. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

This thesis, written for the Professional Graduate Program on the Teaching of Mathematics (PPGECM / FAE / UFPEL), describes the school life of four former students from the Elementary School *Mário Meneghetti*, located in the neighborhood *Getulio Vargas* in the suburb of Pelotas /RS, who are now college students taking a bachelor's teaching degree in Mathematics at the Federal University of Pelotas (UFPEL). The research intends to present the successful educational outcomes of such students by analyzing their learning experiences in a public education environment considered to be less qualified and even violent. Their experiences were read in the light of Bronfenbrenner's Ecological Systems Theory of Development, as well as Lahire's reasons for the unlikely school success of lower class students, Abramovay's ideas for school violence and Charlot's paradoxical success theoretical framework. This is a qualitative study carried out by means of semi-structured interviews used to know the story of those students' school life and admission in college. The results found showed that living and studying in a violent neighborhood did not influence negatively the students' dream of going to university. They also considered their public school teachers and family as the main protagonists of their academic achievement. The public school was acknowledged to be responsible for the learning that led them to higher education, more specifically to the teaching degree in Mathematics.

Keywords: Success. Human development. Violence. Public school.

Lista de Figuras

Figura 1 -	Mapa com vista aérea dos bairros Pestano e Getúlio Vargas.....	35
Figura 2 -	Bonecas russas, conforme Bronfenbrenner, que representam os ambientes ecológicos do contexto.....	42
Figura 3 -	Subdivisões do contexto.....	44
Quadro 1 -	Trabalhos encontrados no Google Acadêmico.....	47
Quadro 2 -	Trabalhos encontrados no site da UFRGS.....	48
Figura 4 -	Imagem do Cristal Rutilado.....	59
Figura 5 -	Imagem da Ágata Dentrita.....	60
Figura 6 -	Imagem do Quartzo Sodalítico.....	61
Figura 7 -	Imagem da Ametista.....	61
Figura 8 -	Oficina de cinema na escola: com Kelly e Digliane (1).....	83
Figura 9 -	Oficina de cinema na escola: com Kelly e Digliane (2).....	83
Figura 10 -	Oficina de cinema na escola: com Kelly (1).....	83
Figura 11 -	Oficina de cinema na escola: com Kelly (2).....	83
Figura 12 -	Oficina de cinema na faculdade de cinema: com Kelly (1).....	84
Figura 13 -	Oficina de cinema na faculdade de cinema: com Kelly (2).....	84
Figura 14 -	Alunos da oitava série com o troféu (1).....	85
Figura 15 -	Alunos da oitava série com o troféu (2).....	85

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Números de ocorrências no Bairro Getúlio Vargas (Julho de 2014). 30

Sumário

Apresentação.....	11
1 Relação da pesquisadora com o tema	13
1.1 Primeiras aproximações com a literatura	16
2 Metodologia	20
2.1 Estratégias metodológicas.....	21
2.2 Ambientes ecológicos	25
2.2.1 O bairro	26
2.2.2.1 A violência no Bairro Getúlio Vargas (BGV)	28
2.2.2.2 Como a mídia descreve o “BGV”	30
2.2.2 A escola.....	34
3 Referencial Teórico	39
3.1 Bronfenbrenner e sua teoria nas histórias dos graduandos.....	39
3.2 Lahire e Charlot: problematizações sobre fracasso e sucesso escolar.....	49
3.3 Abramovay: os reflexos da violência	53
4 Resultados	58
4.1 Perfil dos alunos	58
4.2 Análise das entrevistas.....	62
4.3 Com a palavra: os acadêmicos de matemática	64
5 Discussão	71
6 Conclusões	77

7 Produto Final	82
Referências	86
Apêndices	91

Apresentação

Essa pesquisa é resultado do meu trabalho enquanto professora de matemática de uma escola da rede municipal de ensino de Pelotas, situada em um bairro periférico, e do meu desejo de relatar a trajetória de quatro ex-alunos que hoje estudam no Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Apresentar a história de sucesso escolar desses acadêmicos é o objetivo dessa dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM).

Descreverei a trajetória desses discentes, tendo como foco a escola, lugar em que se deram as interações professora-aluno. Traço um caminho a partir da comunidade, da escola até chegar às especificidades de cada um dos quatro estudantes. Procuo a relação entre o sucesso dos alunos a partir da totalidade social em que vivem, para compreender as dimensões específicas e para conhecer as estratégias que levaram-nos a essa situação. Para essa finalidade, a escrita foi organizada em capítulos e subcapítulos para mostrar como o estudo foi construído.

O primeiro capítulo – Relação da pesquisadora com o tema – descreve brevemente a minha trajetória pessoal e profissional que me conduziram a esse estudo. Termina o capítulo com o subtítulo – Primeiras aproximações com a literatura - no qual descrevo os autores que me ajudaram na elaboração desta dissertação.

O segundo capítulo – Metodologia – mostra o percurso metodológico e os caminhos que percorri para a construção da pesquisa, possui dois subtítulos denominados Estratégias Metodológicas e Ambientes Metodológicos, sendo que este último subdivide-se em Bairro (ainda subdividido em violência no Bairro Getúlio Vargas - BGV e como a mídia descreve o BGV) e Escola.

O terceiro capítulo – Referencial Teórico – traz a base teórica que sustenta este estudo dividida em três subtítulos: a contribuição da teoria de Bronfenbrenner que explica a importância da interação do indivíduo com os ambientes ecológicos; Lahire e Charlot problematizam sobre sucesso e fracasso escolar e, por último, Abramovay e os reflexos da violência na escola e no entorno.

O quarto – Resultados - traz os resultados, as entrevistas com os alunos. O capítulo está dividido em três subtítulos: perfil dos alunos, a análise das entrevistas e as falas dos acadêmicos. No quinto capítulo – Discussão – traz-se a problematização dos resultados encontrados e aproximações com outros estudos. O sexto capítulo – Conclusão – trata-se de uma tentativa de concluir o estudo desenvolvido.

O sétimo capítulo – Produto Final – descreve a construção de um produto acadêmico, exigência do mestrado profissional para conclusão do curso. Trata-se da descrição e finalização de um documentário realizado pelos alunos e alunas da escola com acadêmicos do Curso de Cinema da UFPEL. Na sequência vem as – Referências – que apresenta a bibliografia utilizada para a construção dessa dissertação e, finalizando, os - Apêndices – onde está a relação de documentos citados no corpo do texto.

1 Relação da pesquisadora com o tema

Completou-se mais de uma década que leciono na Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti. No decorrer destes anos, tive o privilégio de fazer parte da coordenação e da direção do educandário, mas nunca abandonei a sala de aula. Gosto de interagir com os adolescentes. Ao contrário de muitas expressões que os definem como “aborrecentes”, sinto-me energizada a cada novo dia de trabalho com esta “galera”.

Por ser uma das professoras mais antigas do “Menega”, como carinhosamente o denominamos, percebo nesta instituição de ensino o quanto nós professores interferimos de forma positiva na vida de nossos discentes. É possível confirmar essa suposição pelas falas de nossos ex-alunos que voltam à escola para nos visitar e mencionam o quanto alguns docentes foram fundamentais para a continuidade de seus estudos, sendo seguidos como exemplos, ou por intermédio de incentivos.

Sempre gostei de organizar passeios com minhas turmas para conhecerem lugares fora de sua comunidade. Visitamos lugares como o Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (MCT da PUCRS), Parques Aquáticos Marina Park e Acqua Lokos, Gramado e Canela, por acreditar que a aprendizagem também se dá em espaços fora da escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96)¹ está inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, embora o que se constate é um ambiente permeado por manifestações de violência, às vezes, expressa em situações de opressão veladas, ou pouco evidentes. A sala de

¹ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12907:legislacoes>>.

aula, espaço onde atuo, diretamente, com os alunos e alunas, propicia-me dialogar e reconhecer a diferença entre cada um desses estudantes.

Em um desses diálogos sobre o qual a indisciplina foi tema, um aluno mencionou que nas nossas aulas era tudo calmo. Questionei o porquê dessa mudança de comportamento de uma aula para a outra. Respondeu-me que o problema é que não dava para me incomodar: *“quando a gente incomoda, a senhora não nos dá castigo, não envia para a direção. A senhora chama nosso responsável e conversa com todos juntos, daí temos de reconhecer nossos erros e não retornar a repeti-los”*.

Ao pensar sobre essa fala, reflito sobre meu trabalho e, realmente, não tenho o hábito de colocar aluno para fora da sala, reconhecer que discente e professora participam do processo de aprendizagem me possibilitou fortificar minha relação com as turmas e entender esse processo como potência para a formação de cidadãos participativos. Assim como Postic (1995, p. 25), acredito que “a função do professor é simultaneamente técnica e relacional: deve conceber as situações de aprendizagem, observar os comportamentos de cada aluno perante uma determinada tarefa e ajustar-se às necessidades de cada um. Só um compromisso simultâneo do professor e do aluno permite o êxito”.

Escrever o projeto de pesquisa permitiu-me pensar sobre a história de minha vida de menina aluna, à mulher professora. Venho de um município pequeno do Rio Grande do Sul, chamado Herval, a aproximadamente 300 km de Pelotas. Perdi meu pai em um acidente, afogado, quando eu tinha nove anos de idade. Foi enterrado exatamente uma semana antes do meu aniversário. Passados três dias de seu enterro, minha mãe (que era dona-de-casa, costureira e com apenas o ensino primário concluído) sentou-se para conversar comigo e minha irmã (que na ocasião tinha 17 anos).

Durante nosso diálogo, minha mãe mencionou que retornaríamos à escola e que era nosso dever ter boas notas por vários fatores. Primeiro, porque a única coisa que ninguém pode nos tirar na vida é o aprendizado; segundo, pois podíamos não ter mais pai, mas tínhamos uma mãe que valeria pelos dois; e, por último, porque quem estuda tem mais chances de melhores empregos, de salários maiores e adquire uma cultura maior. Conforme seu ponto de vista, à medida em que prosseguiríamos os estudos, conheceríamos novas pessoas, conviveríamos com

outras culturas e aprenderíamos a fazer nossas escolhas de forma mais madura e coerente com nossa realidade.

Antes mesmo de concluir o curso normal, minha mãe mudou-se para Pelotas para que pudéssemos continuar os estudos. Concluída a faculdade de Matemática, fui trabalhar no comércio. Senti na pele o quanto estes trabalhadores são castigados com uma jornada de trabalho enorme e um salário inversamente proporcional a mesma. Até que fui chamada para lecionar em uma pequena escola particular, onde trabalhava apenas três tardes e meia e recebia mais do dobro do salário comercial (salientando que o serviço dava folga somente no domingo).

Com o passar do tempo, outras oportunidades melhores foram surgindo até que chegasse onde estou atualmente. Considero que minha mãe tinha razão ao insistir tanto para que não deixássemos de estudar. Após a graduação, fiz especialização na educação e, atualmente, sou mestranda (todos cursados na Universidade Federal de Pelotas). A troca de experiências em todos estes cursos, os diálogos, discussões e reflexões levantadas são muito enriquecedoras e nada, nem ninguém, poderão tirá-las de nosso interior. São experiências únicas e que valerão por toda vida.

Ao pensar em todos estes anos sobre meu trabalho nesta escola, reconheço que seu universo não me é mais estranho. Estar nesse lugar como professora e como pessoa fortaleceu-me e por essa razão escolhi o Meneghetti para realizar esse estudo. Nessa caminhada deparei-me com situações que me mostraram alunos que seguiram os estudos até o último ano e hoje trabalham em supermercados, lojas ou fazendo pequenos “bicos” (maneira que denominam o serviço informal, sem carteira assinada). Também, sabe-se de alguns que vivem um outro tipo de vida, longe dos trabalhos formais, algumas vezes aproximando-se do que chamamos criminalidade. Existem os que não concluíram o ensino fundamental, nem o ensino médio, mas há ex-aluno/as da nossa escola, que foram de minhas turmas e que estão cursando faculdade. Participaram do estudo, quatro meus ex-alunos da escola que hoje são alunos da Licenciatura em Matemática e são moradores do bairro Getúlio Vargas, considerado como bairro violento onde moram pessoas muito pobres.

1.1 Primeiras Aproximações com a Literatura

Para compreender esse movimento de alunos que continuam os estudos, alunos que abandonam, situações de aprovação e reprovação, busquei na literatura contribuições de autores e estudos que pudessem ajudar-me a entender, primeiramente, sobre sucesso/fracasso escolar. Conforme Da Silva, Barros et al. (1997, p. 27)

a literatura educacional utiliza, tradicionalmente, as palavras *sucesso* e *fracasso* escolar para se referir ao resultado positivo ou negativo obtidos pelos alunos, no que tange à avaliação de seu desempenho, e que se expressa pela aprovação ou reprovação, ao final do ano letivo.

Para Arroyo (1997, p. 12)

podemos partir da hipótese de que existe entre nós uma cultura do fracasso que dele se alimenta e o reproduz. Cultura que legitima práticas, rotula fracassos, trabalha com preconceitos de raça, gênero e classe, e que exclui, porque reprovar faz parte da prática de ensinar – aprender – avaliar.

Ainda, citando o autor, o produto escolar estaria condicionado pelos materiais empregados e pelos recursos utilizados: os alunos, suas aptidões, suas deficiências; e os recursos didáticos, as competências dos mestres, a eficiência das técnicas. “Se os materiais e os recursos forem de boa qualidade, teremos sucesso escolar. Se forem de baixa qualidade, teremos fracasso escolar” (ARROYO, 1997, p. 16). A condição de sucesso/fracasso está condicionada aos bens materiais e recursos utilizados na escola. Se o material for atualizado e bom, o resultado será positivo ou vice-versa. De acordo com o autor, “podemos afirmar que o sucesso, ou o fracasso escolar são produzidos deliberadamente pelo sistema de ensino” (ARROYO, 1997, p. 21).

É notório que se metade de uma turma reprovar em uma escola da periferia é normal, já é esperado, caso esse fato ocorra em uma instituição de ensino particular isso não seria plausível, entretanto, nos bairros periféricos, a reprovação é uma situação naturalizada. O sociólogo francês Bernard Lahire² (1997) ressalta que

² Seus trabalhos foram voltados para a produção da reprovação escolar no ensino fundamental, as formas populares de apropriação da escrita, o sucesso escolar em ambientes populares, as diferentes maneiras de estudar no espaço de ensino superior, a história do problema social denominado “iletrismo”, as práticas culturais dos franceses e as condições de vida e de criação dos escritores.

o 'fracasso' escolar é, então, o produto de um conflito entre a criança e a escola (entre a "família" e a "escola", como se diz frequentemente de maneira lapidar, mas essa forma sumária de colocar o problema desvia o olhar da sutileza do duplo conflito vivenciado na intersecção de duas redes de interdependência) quanto entre a criança e os membros de sua família (1997, p.171).

Lahire (1997) realizou uma pesquisa na França em uma turma de segunda série de alunos que repetiam por diversas vezes, para entender o porquê de tal reprovação. Para tanto, seu grupo de pesquisa, foi nas casas de todos os discentes e entrevistou todos seus responsáveis. Dados da pesquisa demonstraram que muitas vezes os pais têm pouco conhecimento sobre a vida escolar de seus filhos, mas fazem de tudo para que seus filhos tenham o melhor resultado na escola. Charlot (2005) exemplifica esta situação da seguinte forma

Uma família que tem dinheiro para morar em um apartamento ou em uma casa que tem banheiro, provavelmente, tem determinadas práticas culturais. Assim, a criança vai encontrar revistas, jornais e pessoas lendo em toda a casa, o que a fará construir, já cedo, uma certa relação com a escrita e também desejar ler e escrever. Ela encontrará sentido nessa atividade e, provavelmente terá mais facilidade na escola (2005, p. 26).

A pesquisa demonstrou que a escola não contemplou por exemplo, que a maioria dos alunos desta segunda série eram estrangeiros, que possuíam outra língua materna e costumes diferenciados, o que dificulta a aprendizagem da linguagem da França. Aprender neste caso vai além de saber conteúdos. Necessita de uma ampla gama de informações que ultrapassa a grade curricular. Além do aprendizado da escola é preciso ter o conhecimento de um país e de sua cultura que é completamente distinto dos seus. Com isso, são alunos rotulados como desinteressados e sem condições de seguirem o ritmo considerado ideal para uma turma. Conforme Arroyo (1997, p. 18)

Os modelos de análise e intervenção pressupõem que os setores populares não serão capazes de acompanhar o ritmo "normal" de aprendizagem. Chegam à escola defasados, com baixo capital cultural, sem habilidades mínimas, sem interesse. Chegam à escola *reprováveis*. Pesquisas já têm mostrado que a cultura escolar os estigmatiza e os rotula como diferentes, incapazes, inferiores, menos- dotados para o domínio das habilidades pretendidas e exigidas pelo processo de ensino-aprendizagem.

De certa forma, é similar ao que se percebe na escola do estudo. Por estar situada em um bairro pobre, com alto índice de violência e conhecida pelos pontos

de venda de drogas, nossos alunos, muitas vezes, são vistos por uma sociedade conservadora e preconceituosa como inferiores, marginalizados e com menos condições intelectuais.

Para Charlot (2005, p. 145) “a educação é um direito e não uma mercadoria. É um direito universal, vinculado à própria condição humana e é como direito que deve ser defendida”. De acordo com o autor “a educação é movimento de humanização, de socialização, de subjetivação; é cultura com entrada em universos simbólicos, como acesso a uma cultura específica, como movimento de construção de si mesmo; é direito a sentido, às raízes, a um futuro; é direito ao universal, à diferença cultural, à originalidade pessoal” (2005, p. 146). Todos esses direitos devem ser considerados.

Como professora e agora pesquisadora, reconheço nossa função nas palavras de Postic (1995, p.80)

percebe-se então onde está a *função do educador*. Ele é aquele que ajuda os alunos a construir o seu projeto pessoal e profissional, durante o tempo que passe com eles. Tem um papel de aconselhamento completamente diferente do de um orientador, o qual faz um balanço, dá informações e convida a uma escolha pensada.

Na tentativa de “culpar “alguém pelo fracasso dos estudantes, muitas vezes, é a família acusada, no entanto Charlot (2005) menciona que “nunca os sociólogos mostraram, nem disseram, nem pensaram que a família é a *causa* do fracasso escolar. Muitos docentes estão pensando que essa ciência mostrou que a família é a causa do fracasso escolar”. Ainda reflete que “a posição que uma criança ocupa na sociedade ou, mais exatamente, a posição que seus pais ocupam não determina diretamente seu sucesso ou fracasso escolar” (CHARLOT, 2005, p. 49).

Sobre isso, Lahire (1997) relata que “a descrição fina da configuração familiar da criança permite, realmente, ver que o “fracasso escolar” de uma criança não está necessariamente associado à “omissão dos pais”, mas, neste caso preciso, a uma distância grande demais em relação às formas escolares de aprendizagem e de cultura” (LAHIRE, 1997, p. 87). Além disso, menciona que

Nosso estudo revela claramente a profunda injustiça interpretativa que se comete quando se evoca uma “omissão” ou uma “negligência dos pais”. Quase todos os que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos “sair-se “ melhor do que eles [...] almejam para

sua progênie um trabalho menos cansativo, menos sujo, menos mal-remunerado, mais valorizador que o deles [...] tais fatos provam que os pais não são indiferentes aos comportamentos e aos desempenhos escolares (LAHIRE, 1997, p. 334).

Na esteira desse pensamento, pretendo com este estudo não identificar os culpados pelo fracasso ou pelo sucesso escolar, mas sim contar a trajetória de quatro ex-alunos da Escola Mário Meneghetti que hoje estão no Curso de Licenciatura Plena em Matemática da Universidade Federal de Pelotas e conhecer os mecanismos (vivência, família, ensino médio/técnico, professores, amigos) que os levaram até à universidade e considerá-los como vitoriosos.

2 Metodologia

Esse trabalho surge do meu encontro com ex-alunos que hoje cursam a Licenciatura Plena em Matemática da Universidade Federal de Pelotas. Estudantes provenientes de um grupo social que vivem em um bairro considerado violento e estudaram em uma escola pública municipal. O desejo de saber como estes discentes chegaram à universidade e os mecanismos que utilizaram foi o que me mobilizou a realizar a seguinte pergunta: - Como que alunos pertencentes a uma escola da periferia, onde o senso comum diz que não chegarão a um curso superior pela falta de condições intelectuais e financeiras, conseguiram tal êxito, o ingresso na Universidade?

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo aplicada no campo das Ciências Humanas, precisamente na área da Educação. De acordo com Alves e da Silva (1992), as abordagens qualitativas apontam caminhos alternativos para a rigidez positivista, embora para pesquisadores em Educação e Ciências Sociais e Humanas, há um problema com a sua não sistematização. Para dar conta desse problema, as autoras sugerem o uso do modelo de entrevistas semiestruturada, elaborada a partir de tópicos específicos que serão abordados com todos os sujeitos. Em acordo com os autores serão realizadas entrevistas semiestruturadas com os alunos e alunas do estudo que posteriormente serão decodificadas e analisadas.

Para coletar informações acerca do bairro utilizou-se como fontes de informação jornais e dados da Brigada Militar.

Participam deste estudo meus/minhas quatro ex-alunos/as, dois homens e duas mulheres hoje acadêmicos/as no mesmo local onde eu também me formei professora. Tem-se como objetivo principal, nesta dissertação, apresentar experiências de sucesso com alunos de classe popular, estudantes de escola

pública que hoje são graduandos do curso de Licenciatura Plena em Matemática da Universidade Federal de Pelotas.

Ao desenvolver essa pesquisa e com o intuito de conhecer a trajetória desses alunos, direcionei-me para os seguintes objetivos: conhecer o caminho percorrido por esses estudantes desde a escola de Ensino Fundamental até à entrada na Universidade; problematizar os conceitos de sucesso/fracasso escolar; identificar a importância e a influência de pessoas e/ou do ambiente em que vivem no processo de formação. Como produto exigido pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) foi realizado pelos alunos em parceria com o Curso de Cinema da UFPEL, um documentário sobre a escola.

Para esse estudo utilizo a perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner. Para o autor, os primeiros estudos sobre o desenvolvimento humano “eram fora de contexto”. Por isso, Bronfenbrenner desenvolveu uma nova teoria na qual o sujeito é considerado com todas as suas características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais (2011, p.24). Nessa nova abordagem, o contexto é o meio em que o indivíduo está inserido e desenvolve-se. Esse contexto são ambientes ecológicos e percebidos como uma série de estruturas encaixadas, cada uma contida na seguinte, conforme será especificado mais à frente.

2.1 Estratégias Metodológicas

Para conhecer a trajetória desses alunos da escola até a Universidade, utilizou-se, primeiramente, uma entrevista semiestruturada. De acordo com Trivinõs (1987, p.146) esse tipo de entrevista “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão da sua totalidade, além de manter a presença constante e consciente e atuante do pesquisado no processo de coleta de dados”. Para Manzini (1990/1991, p.153) “todas as entrevistas se dirigem para algum lugar, pois antes da coleta temos um objetivo de pesquisa que dirige nossa busca”. Manzini (1990/1991) também salienta a importância de perguntas básicas e principais para atingir o objetivo da pesquisa, menciona que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos.

A entrevista foi estruturada em cinco eixos: O Bairro Getúlio Vargas; a Escola Mário Meneghetti; a trajetória percorrida após a saída dessa escola e passagem pelo ensino médio/técnico; a entrada na Universidade e participação da família nesse processo. Circularam pelos eixos as seguintes perguntas:

1. Bairro Getúlio Vargas: que características do bairro consideram importantes para que estejam onde estão hoje? Como visualizam-no atualmente? Que expectativas têm futuramente sobre os adolescentes que lá residem?
2. Escola Mário Meneghetti: qual a importância da escola na sua vida? Quais aspectos positivos/negativos a escola deu para o prosseguimento desta formação? O que consideraram mais importante, dentro da escola, para a escolha da profissão que buscam hoje?
3. Trajetória após sair do Meneghetti: onde fizeram seu ensino médio ou técnico? Participaram de algum processo seletivo para ingressarem na universidade (cotas³, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE))? Como foi a saída do ensino médio para a universidade? Entraram direto de uma modalidade para outra ou fizeram cursinhos auxiliares?
4. A chegada na Licenciatura em Matemática: por que da escolha por esta licenciatura? Como foi a chegada no curso? Maiores medos? Maiores dificuldades? O que mais gostam? Que sonham pela frente?
5. A família: de que forma a família participou deste processo escolar e universitário? Quais são as orientações para o futuro? Os responsáveis auxiliavam nas tarefas escolares? Compravam material de apoio? De que forma contribuía para o bom resultado na escola e na faculdade?

Para Manzini (1990/1991, p.154) “a entrevista semiestruturada pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas”.

³ As Políticas Educacionais são propagadas no Brasil como meio de promover equidade a grupos historicamente marginalizados. Em 2004-2005, criou-se uma política voltada ao atendimento dos negros, a princípio, e que posteriormente incluiu outras populações igualmente desfavorecidas, como os índios, as pessoas com necessidades educativas especiais. A política de Cotas começou a vigorar, não sem resistências, nas instituições públicas do ensino superior. No Brasil, as universidades UERJ e UnB foram pioneiras ao aderirem ao programa de cotas (GERALDO, 2010). Na UFPEL, em 2015 foram solicitados 1.108 ingressos por cotas, onde 49 não preencheram os pré-requisitos. No primeiro semestre deste ano, nesta mesma universidade, foram 542 solicitações, onde 80 não preencheram os pré-requisitos (ROSS, 2016).

Na esteira desse pensamento, conforme Thompson (1992, p. 271):

Uma entrevista não é um diálogo, ou uma conversa. Tudo o que interessa é fazer o informante falar. Você deve manter-se o mais possível em segundo plano, apenas fazendo algum gesto de apoio, mas não introduzindo seus próprios comentários ou histórias.

As entrevistas, trazem a vivência, os percursos, os detalhes pelos quais cada discente passou. São dados que evidenciam histórias de trajetórias mescladas com sentimentos de saudades, medo, anseios que cada um traz consigo. Não são apenas palavras soltas ao ar, e sim, palavras carregadas de um sentimento único que cada pessoa traz dentro de si. Assim, desafiei-me a percorrer os caminhos que a história destes alunos me levou a trilhar. Por intermédio deles, conheci um pouco do que cada ex-aluno passou para conseguir o objetivo de chegar a tão sonhada Universidade.

O primeiro entrevistado foi Quartzo Sodalítico. A escolha ocorreu devido sua irmã ser minha aluna na escola, o que facilitou o contato. O graduando foi imprescindível para a escolha das questões contempladas na pesquisa. Sua entrevista foi considerada a “piloto”, pois esta foi apresentada na banca de qualificação, o que me permitiu aprimorar e repensar as questões a serem contempladas.

Quartzo Sodalítico veio até à Escola Mário Meneghetti e sua entrevista ocorreu numa de nossas salas de lata, os contêineres. Como o graduando não estava trabalhando foi fácil arrumar um horário comum para nosso encontro. Suas palavras contribuíram imensamente para a construção dos questionamentos que compõem os eixos deste estudo.

A segunda entrevistada foi Cristal Rutilado. Como sua agenda estava cheia, tivemos de nos encontrar no calçadão de Pelotas para conversarmos e gravarmos nosso diálogo. Nosso encontro ocorreu na Doçaria Márcia Aquino, situada na Rua Marechal Floriano esquina com Quinze de Novembro. Aproveitamos o intervalo de tempo que ela tinha disponível entre a saída do serviço e a ida à Universidade, já que ela cursa sua licenciatura à noite.

Cristal Rutilado sempre atenciosa, dedicada e com defesa própria de suas opiniões de forma impecável. Permitiu-nos recordarmos bons tempos, mas ao

mesmo instante, criticou atitudes e ações que considera impertinentes ao seu tempo de estudante. Frisou o quanto não almeja ser uma docente que não saiba considerar a didática e as matérias da educação em sua jornada de trabalho. Também demonstrou desencanto com as gerações atuais, as quais considera desestimuladas e sem perspectivas futuras. É impressionante o quanto esta acadêmica mudou no decorrer de sua trajetória do ensino fundamental até sua chegada na licenciatura. Amadurecimento, desinibição e responsabilidade são palavras-chaves que a caracterizam.

Ágata Dentrita e Ametista foram entrevistados no mesmo dia, na Escola Mário Meneghetti. Ambos vieram numa manhã chuvosa, no mês de julho, durante as férias da faculdade. O primeiro a conversar comigo foi Ágata Dentrita, pois como trabalha numa loja no centro da cidade, aproveitou o momento que tinha livre para dialogar comigo. Ametista chegou meia hora depois da saída de Ágata Dentrita, para contribuir com suas lembranças e opiniões.

Ágata Dentrita demonstrou um amadurecimento muito grande. Atualmente é chefe de departamento de uma loja de reconhecimento mundial. Aperfeiçoou sua oratória, não está mais inibido ao conversar e possui um espírito de liderança jamais visto durante sua permanência na escola. Cada um destes estudantes contribuiu de forma distinta para a escrita desta dissertação.

Ágata Dentrita mencionou o quanto a escola foi fundamental para sua capacidade de relacionar-se com outras pessoas, pois era muito envergonhado no tempo em que perambulava pelos corredores do “Menega”. Por intermédio de suas palavras foi possível identificar as mudanças propiciadas pela escola no sentido afetivo e social. Já Ametista ressaltou ideias e opiniões bem diferenciadas de seus colegas ao longo de suas colocações. Em distintos momentos de sua entrevista percebe-se vários julgamentos que são contraditórios aos demais do grupo.

Após entrevistar cada estudante, escutei e transcrevi todas suas palavras cuidadosamente, para ser fidedigna aos seus posicionamentos e não perder nenhuma ideia ressaltada. Em seguida construí uma tabela que continha a pergunta realizada, com todas as respostas obtidas. Isso foi feito repetidamente com todas as questões contempladas. Por último, a parte mais complexa, foi encontrar semelhanças e contradições existentes entre a fala de cada graduando. A partir

destas, recortou-se excertos para comporem as ideias afins e distintas citadas por cada um.

Além disso, muitas leituras foram realizadas para darem subsídio teórico para esta pesquisa. Depois de destacar os excertos das entrevistas, fez-se um cruzamento entre o corpo teórico contemplado e os resultados advindos do trabalho de campo, neste caso, as entrevistas. O entrelaçamento entre a teoria e as falas dos acadêmicos foi o que permitiu discutir ideias, analisar situações e concluir diversos tópicos abordados ao longo do estudo como: a diferença que uma escola faz na vida de um aluno (mesmo sendo pública), o quanto a família e os professores foram fundamentais para a permanência na escola e a importância dos contextos no qual os indivíduos se desenvolvem, conforme Bronfenbrenner ressalta.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, permitiu à pesquisadora unir o fenômeno estudado (no caso a trajetória dos quatro alunos) em sua totalidade social e, ao mesmo tempo, compreender suas especificidades. Foram pesquisados os casos individuais, contextualizados através de seu entorno, de seus diversos ambientes. A escola, o bairro e a família dos acadêmicos que foram analisados nesta dissertação, para Bronfenbrenner, são ambientes ecológicos nos quais o indivíduo convive e estabelece suas relações.

2.2 Ambientes Ecológicos

A importância dos ambientes ecológicos no processo de desenvolvimento é contemplada pela teoria de Bronfenbrenner, para o autor, são nesses locais que o sujeito estabelece suas relações, cria vínculos afetivos e sociais. Dois ambientes nos quais os alunos e eu experimentamos nosso cotidiano, intercambiando aprendizagens serão relatados aqui nesse subcapítulo. São eles: o bairro e a escola.

2.2.1 O bairro

O Bairro Getúlio Vargas (BGV) é considerado um sub-bairro pertencente ao bairro Três Vendas da cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. Possui como coordenadas 31°42'4"S 52°18'39"W⁴.

Este bairro surgiu em meados de 1989⁵. Ele situava-se em uma área de terra vermelha, sem infraestrutura, onde a Prefeitura Municipal de Pelotas doava um terreno e um chalé aos catadores de papel ou sem-teto.

Como as condições de infraestrutura eram muito precárias, os moradores começaram a fazer movimentos em busca de melhorias no local. A primeira solicitação foi o de água encanada, visto que a mesma era adquirida numa “bica de água”, no início do loteamento.

Conforme conversas com moradores do bairro, antigamente só havia mato e terra nessas mediações. Aos poucos foram surgindo pequenas residências, posto de saúde e escola para atender às necessidades locais. No começo até para andar de ônibus era difícil, pois as linhas não eram tão frequentes como agora.

Atualmente, comparando-se ao exposto acima, percebe-se que o bairro cresceu e muito. Além disso, as condições de infraestrutura também melhoraram consideravelmente. Porém, os esgotos continuam em condições precárias. Conforme Barbieri (2012, p. 31) “quanto às condições de infraestrutura, atualmente, o bairro já possui rede de eletricidade, de água e de telefone, contudo, a rede de esgoto continua a ser na maior parte do local, valetas a céu aberto”.

À medida que o loteamento organizava-se, implantou-se no mesmo uma escola de ensino fundamental e um posto de saúde para atender às necessidades locais. Com o tempo, apenas uma escola não foi suficiente para dar conta das demandas recorrentes em razão do crescimento do bairro. Hoje, têm-se duas escolas uma de ensino fundamental completo e educação de jovens e adultos e outra, de ensino fundamental incompleto.

Há também uma Associação dos Moradores do Bairro de grande influência. Muitos avanços e conquistas na estrutura do local são adquiridos por intermédio de

⁴ Disponível em: <<http://i.imgur.com/9mv9mqJ.png>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

⁵ Dados obtidos a partir do relato de Maria Cristina Ostermann Barbieri (2012) em sua dissertação de mestrado.

reivindicações da população e do presidente. A associação possui uma rádio local que além de prestar serviços à comunidade, também reforça as solicitações emergentes e ajuda no entretenimento e informação locais.

Inclusive, quando a escola precisa que um recado seja repassado à comunidade, basta entrar em contato com a rádio que a mesma auxilia na circulação da informação a ser transmitida. Ainda dispomos de algumas Organizações Não Governamentais - ONG's - que prestam serviço à comunidade. Uma das mais conhecidas são os "Anjos e Querubins" que, inclusive, já foi ao morro do alemão no Rio de Janeiro apresentar sua música, dança e poesia.

Uma característica importante do bairro é a violência que circula em suas mediações. São muitas as histórias de furtos, assassinatos, tráfico, estupro que marcam consideravelmente esta região. Os alunos e alunas do estudo são moradores desta comunidade conhecida como um dos "lugares mais perigosos da cidade".

Nossa realidade reflete-se na escrita de Abramovay (2005, p. 276), quando esta menciona que "como se percebe, as características econômicas e sociais do bairro e da comunidade, ao lado dos episódios concretos de violência, são fatores que alimentam medo, comprometendo o clima escolar". A autora acrescenta que os "diretores dizem que quando a comunidade é *violenta*, isso influi no comportamento dos alunos, trazendo para dentro da escola a lei do mais forte, aquela que predomina na rua" (2005, p. 275). O discente traz para dentro da escola o que vivencia na rua. Se por acaso for o "braço direito" do chefe do tráfico, será temido, respeitado pelos demais colegas, podendo apenas encontrar quem o desafie, se houver algum estudante que pertença a um grupo rival do mesmo.

Embora os dados acima citados apontem para uma realidade dura, constatou-se que a escola, situada no interior desse espaço considerado violento, proporcionou oportunidades de estudo e de socialização para muitas pessoas, principalmente, alunos e alunas, moradores e moradoras do bairro. No primeiro ano de funcionamento, havia ao redor da mesma, alguns pontos de drogas e lugares de prostituição. Já no segundo ano, esse número foi diminuindo e dando lugar a moradores que viam na escola uma possibilidade de realizar seus sonhos de ver seus filhos estudando, pais comprometidos com a educação e preocupados com o futuro dos mesmos.

As famílias acreditam que a escola seja o meio que permitirá a seus filhos um melhor emprego, com condições salariais mais dignas e justas. No turno vespertino há todas as etapas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Logo existem inúmeros casos de crianças estudarem nos turnos da manhã/tarde e seus responsáveis na EJA. Muitos pais estão retornando à escola como forma de incentivo pessoal, familiar e para acompanhar seus pequenos nas tarefas escolares.

2.2.2.1 A violência no Bairro Getúlio Vargas (BGV)

Sempre que me remeto ao bairro Getúlio Vargas, recordo as falas relatadas por um grupo focal constituído por alunos, em uma pesquisa realizada por Abramovay (2002, p. 40), eles concluíram que “a discriminação é muito grande e injusta porque não existe só marginal, existe gente honesta até demais, e pessoas que gostam de zelar pela sua cultura” (*Grupo focal com jovens, in: Pesquisa UNESCO, 2001:63*). Corrobora-se com essa fala, pois a mídia fortalece o preconceito em relação ao bairro, favorecendo seus aspectos negativos, demonstrando a desvalorização da cultura das classes mais pobres.

Os moradores e alunos relatam que em alguns lugares perdem chances de emprego ao dizerem onde residem. São discriminados por habitarem o BGV. É como se tivessem um rótulo que diz: morador deste bairro é bandido. Nossos ex-alunos quando concluem o ensino fundamental e vão para outra escola, dependendo de onde, também são deixados de lado, pois são considerados da periferia, sem chances de tirar notas boas e más companhias para os novos colegas. Abramovay (2002) retrata bem essa realidade

Os jovens sentem-se discriminados por várias razões: por serem jovens, pelo fato de morarem em bairros da periferia ou favelas, pela sua aparência física, a maneira como se vestem, pelas dificuldades de encontrar trabalho, pela condição racial e até pela impossibilidade de se inscreverem nas escolas de outros bairros [...] Um outro motivo de discriminação é o estigma de morar na periferia, que é associada com miséria, violência e criminalidade. Assim, o local de moradia, por si só, é um fator de exclusão no trabalho e na escola (p. 39).

Quando dialogamos com os moradores, eles afirmam que o cotidiano não é violento. Dizem que somente à noite, em ruas mais afastadas, é que as confusões ocorrem. Mas mesmo assim, muitos docentes querem distância de escolas deste

bairro. “Como se percebe, as características econômicas e sociais do bairro e da comunidade, ao lado dos episódios concretos de violência, são fatores que alimentam medo, comprometendo o clima escolar” (ABRAMOVAY, 2005, p. 276). E essa constatação de violência noturna é igual em todos os bairros da cidade.

Por enquanto, não há predomínio de bailes funk como vemos ocorrer em várias periferias do Brasil. Os jovens do BGV, quando saem para festas, são as que situam-se no centro de Pelotas. Não há nenhuma festa noturna no bairro e nem orgias organizadas por traficantes. Em uma de suas pesquisas Abramovay (2002) salientou que “a carência de atividades de diversão em algumas comunidades é explorada pelo tráfico que, em muitos lugares, marca presença, ocupando um espaço deixado em aberto pelo poder público, constituindo-se em referência para os jovens”.

Abramovay (2002) constatou em suas pesquisas, através das falas dos alunos, que os traficantes eram os heróis da garotada pois colocaram lazer na comunidade, organizaram o futebol, coisa que a comunidade adora. Segundo o depoimento de um destes adolescentes “colocaram o baile funk, que na época a gente adorava. Colocaram uma série de outras atividades, assim, para animar a comunidade. Pôxa, os traficantes foram os nossos heróis, entendeu? Na época, os traficantes eram os meus heróis e não os policiais”.

Com o intuito de exemplificar as ocorrências policiais ocorridas no bairro, no primeiro semestre de 2014, buscou-se informações com o 4º Batalhão da Polícia Militar (4ºBPM). Estes dados foram obtidos por meio de uma solicitação (ver apêndice A) enviada ao 4ºBPM. É possível visualizar números coincidentes entre a tabela da Brigada e os dados mencionados no jornal Diário Popular, pois há semelhanças entre as datas das reportagens e o período descrito de violência no primeiro semestre de 2014.

Conforme o Setor de Estatística da Brigada Militar “em resposta à solicitação, informo que a Brigada Militar durante os meses de janeiro até julho de 2014, atendeu 125 solicitações para atendimento de ocorrência no Bairro Getúlio Vargas, sendo que as de maior incidência estão relacionadas na tabela abaixo”.

A tabela 1 demonstra o tipo e o número de ocorrências no Bairro durante o primeiro semestre de 2014.

Tabela 1 - Números de ocorrências no Bairro Getúlio Vargas (Julho de 2014)

Tipo de Ocorrência	Quantidade
Roubo a ônibus	9
Roubo a pessoa	4
Roubo a comércio	4
Roubo a residência	4
Estupro	1
Desordem	12
Ocorrência Maria da Penha	6
Assistência à incapaz (apoio a SAMU)	4
Agressão com lesão	7
Lesão corporal por faca	1
Homicídio	1
Tentativa de homicídio	4
Furto de veículo	2
Furto simples (objetos/ residência)	2
Ocorrências de trânsito	10
Recuperação de veículos	5
Prisão de foragido	4
Prisão de procurado	6
Furto qualificado residência/comércio	9
Ocorrências com drogas	2
Armas apreendidas	2
Perturbação do sossego	2

Fonte: 4º Batalhão da Polícia Militar (4ºBPM)

2.2.2.2 Como a mídia descreve o “BGV”

Em uma reportagem no jornal de maior tiragem da cidade, Diário Popular, dois jornalistas, Halpern e Piegas (2013, p.2-3), relataram que houve cinco assassinatos no bairro Getúlio Vargas, em aproximadamente oito meses, o que representa um dos maiores índices se comparado com os crimes ocorridos em outros bairros e municípios. Nesses dados não foram inseridos os furtos, venda de drogas e prisão de pessoas que tiveram envolvimento em brigas de gangues foram relatados somente os homicídios. Desses óbitos, três casos envolvem familiares de alunos da escola. De acordo com as reportagens a maioria dos crimes ocorreu em decorrência do uso do crack ou similares, são dívidas pagas com a própria vida.

De 23 de dezembro de 2013 a 12 de dezembro de 2014 realizei pesquisas diárias no jornal Diário Popular⁶ para coletar todas as informações que trouxessem

⁶ O Diário Popular é um dos mais importantes jornais locais que traz notícias de Pelotas e de sua região. A maioria de suas reportagens abrange documentários da cidade de Pelotas como educação, economia, saúde, polícia, sociedade entre outras.

notícias sobre o bairro Getúlio Vargas. O intuito era conhecer o que a mídia escreve sobre esta localidade.

Conforme o encontrado, a maioria das reportagens, que se referem ao bairro, abordam apenas assuntos relacionados à violência. São reportagens nas quais transbordam o medo, insegurança, furtos, assassinatos, estupros que caracterizam o bairro, segundo este veículo de informação. Em alguns momentos, percebo e reconheço personagens que já percorreram os corredores da Escola Mário Meneghetti.

Nas linhas abaixo e por ordem cronológica, seguem listadas todas as notícias que o jornal Diário Popular publicou sobre o Bairro Getúlio Vargas no período pesquisado. Como trata-se de fatos já publicados, aparecerão os nomes verdadeiros das pessoas citadas nas reportagens.

23 de dezembro de 2013 – Em uma retrospectiva policial, foi realizado um levantamento de mortes na cidade de Pelotas, durante este ano. Só no bairro Getúlio Vargas, foram apontados cinco assassinatos. As vítimas são todas do sexo masculino, com idades entre 19 e 56 anos. Segundo o delegado Rafanhim “a maioria tinha passagem pela polícia, assim como os autores” (HALPERN e PIEGAS, 2013, p. 2-3).

18 de março de 2014 – É a segunda vez em uma semana que a Escola Municipal de Ensino Fundamental Núcleo Habitacional Getúlio Vargas foi arrombada. No ano passado a escola já sofria com esse tipo de ataque. Foram cinco arrombamentos em duas semanas. Há seis meses, antes do último assalto, uma briga entre dois grupos rivais em frente ao educandário, obrigou um dos componentes de uma das turmas a se refugiar dentro das dependências da escola. A vulnerabilidade do local levou a direção a paralisar as atividades por três dias e reivindicar um guarda, também, para o turno da tarde (PIEGAS, 2014, p. 19).

20 de março de 2014 – Menor de idade é flagrado e apreendido no bairro Getúlio Vargas, às 7 h 29 min, portando um revólver calibre 22, inox, de fabricação Argentina e municiado com quatro cartuchos (MAZON, 2014, p. 22).

26 de março de 2014 – Coletivos que fazem a linha dos bairros Pestano e Getúlio Vargas voltam a ser alvos de assaltos. Homens armados com facas e revólveres invadem o transporte coletivo em Pelotas e efetuam o furto (HALPERN, 2014, p. 17)

19 de maio de 2014 – Ônibus da empresa Conquistadora que faz a linha bairro Getúlio Vargas foi invadido por volta das 3 h da madrugada por um grupo de dez pessoas, aproximadamente, às quais promoveram uma série de desordem dentro do veículo. Quando o ônibus chegou ao bairro, a situação se agravou. O grupo quebrou os vidros, catraca e até o parabrisa do coletivo. O motorista e o cobrador tiveram de ser liberados pela empresa, pois não tiveram condições psicológicas de continuarem trabalhando. Um funcionário da empresa desabafou “é sempre assim... final da madrugada de sexta para sábado e de sábado para domingo é um inferno trabalhar nas linhas do Pestano e do Getúlio (Vargas)” (GUIMARÃES, 2014, p. 13).

21 de maio de 2014 – Devido ao registrado na reportagem anterior, rodoviários pedem mais segurança para primeiros horários das linhas do bairro Três Vendas. Além desse acontecimento, no dia 20 foram registrados quatro assaltos a ônibus, num intervalo de três horas e meia. Entre as 18 h 20 min e às 23 h, assaltantes armados atacaram veículos das linhas Vila Princesa, Integração, Pestano e Getúlio Vargas. Rodoviários pedem auxílio à Brigada Militar e à Prefeitura Municipal (GUIMARÃES, 2014, p. 17).

22 de maio de 2014 – Brigada Militar intensificará segurança nas linhas de ônibus, principalmente, nas áreas mais violentas como Pestano e Getúlio Vargas. Este fato agradou os rodoviários que suspenderam a decisão de não trabalhar entre as 6h e 8h no final de semana (GUIMARÃES, 2014, p. 21).

26 de maio de 2014 – Brigada Militar faz abordagem a ônibus. “Além de garantir mais segurança para usuários e trabalhadores, um dos grandes objetivos dessa operação é buscar armas de fogo e drogas, além de mandar o recado de que a polícia está atenta e presente nas ruas”, diz o major Rogério Vasconcellos. Segundo o cobrador J. V., de 46 anos, “há oito anos na linha Getúlio Vargas, já fui assaltado várias vezes. Mas neste final de semana confessa ter se sentido mais protegido para trabalhar e isso é muito bom” (GUIMARÃES, 2014, p. 13).

27 de maio de 2014 – A segunda reportagem da série “Inseguros dentro do Lar” mostra a rotina das vilas onde o medo da violência é constante. Os bairros Getúlio Vargas e Dunas são evitados em determinados horários por taxistas, prestadoras de serviços como entregas e reposição de mercadorias. Em uma inversão total de papéis moradores vivem presos, enquanto os bandidos dominam as ruas, especialmente à noite. Segundo uma comerciante do bairro Getúlio Vargas

“depois de cair à noite eu não vou além do portão e nunca deixo a casa sozinha” (WALTZER, 2014, p. 2-3)

28 de maio de 2014 – Policiamento Comunitário é a aposta da Brigada Militar contra a violência. A expectativa segundo o comandante Pithan é de que, depois de um período de adaptação para buscar confiança no Programa, os números comecem a melhorar. “Nossa previsão inicial é de um aumento do trabalho, mais prisões. Com o tempo, no entanto, os índices devem retroceder, apostando na capacidade de coibir delitos do Policiamento Comunitário (WALTZER, 2014, p. 2 -3).

9 de junho de 2014 – A Brigada Militar recebeu uma denúncia anônima de um possível assalto ao ônibus da linha Getúlio Vargas. Chegando lá, avistaram dois homens que ao verem a viatura começaram a fugir. Um deles foi detido e já possuía mandado de prisão. Logo foi encaminhado à delegacia e ao Presídio Regional de Pelotas (MARASCO e RIBEIRO, 2014, p. 13)

11 de junho de 2014 – Foi recapturado um foragido do Presídio Regional de Pelotas e encaminhado ao mesmo. Ele estava na rua 15 do bairro Getúlio Vargas (GUIMARÃES, 2014, p. 20).

16 de junho de 2014 – Uma jovem de 20 anos foi abusada e torturada pelo namorado. Enquanto era socorrida, a garota contou aos policiais que foi presa pelo namorado na Rua 20 e era submetida dia e noite a sessões de estupro, surras e abusos. Entre as violências sofridas, a jovem contou que o namorado a violentou usando uma barra de ferro e cabos de vassoura. O agressor, de 17 anos, foi detido e encaminhado ao Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) (GUIMARÃES, 2014, p. 13).

17 de junho de 2014 – Estatística da Polícia Civil aponta aumento, na violência contra as mulheres, de 45% em relação ao ano passado. Um dos casos recentes foi o relatado acima, no bairro Getúlio Vargas (GUIMARÃES, 2014, p. 18).

30 de junho de 2014 – Um jovem de 20 anos levou um tiro no rosto. O motivo da tentativa de homicídio foi um casaco. O fato ocorreu na rua 3 (SCHNEID, 2014, p. 13).

7 de julho de 2014 – Mulheres sofrem com a violência. Em 12 horas, quatro mulheres foram agredidas em Pelotas e outras duas pediram proteção especial. No bairro Getúlio Vargas, um ex-marido que não aceita a separação invadiu a casa da ex- companheira promoveu um quebra-quebra e agrediu a ex-sogra com socos, empurrões e pontapés (GUIMARÃES, 2014, p. 13).

8 de julho de 2014 – A equipe da Homicídios identificou o autor do assassinato de Renan Halt, de 18 anos, esfaqueado na Leopoldo Brod, próximo ao Getúlio (GUIMARÃES, 2014, p. 19).

6 de agosto de 2014 – Anderson Alves foi morto com um tiro na cabeça após discussão, na rua 12 do Getúlio Vargas. O autor do crime, menor de idade, teve sua internação na CASE negada duas vezes, permanecendo nas ruas (GUIMARÃES, 2014, p. 17).

15 de agosto de 2014 – O menor, citado acima, foi encontrado e encaminhado à delegacia. Lá assumiu a autoria do crime, mas disse ter sido em legítima defesa visto que ocorreu troca de tiros entre eles. O menor foi recolhido (GUIMARÃES, 2014, p. 19).

4 de dezembro de 2014 – Armado com um revólver, um homem invadiu a casa do cunhado e roubou sua bicicleta na rua 17 (GUIMARÃES, 2014, p. 18).

12 de dezembro de 2014 – Traficante é preso no bairro vendendo pequenas porções de maconha. Ao revistarem um esconderijo próximo, mais drogas foram encontradas (GUIMARÃES, 2014, p. 23).

Todas as notícias referentes ao “BGV” publicadas no Diário Popular, no período citado, estão relacionadas aqui. Diariamente, percorri as páginas deste veículo de comunicação em busca de informações, notícias ou documentários que abordassem assuntos relacionados a este bairro. Todo material coletado está aqui organizado. Optei por explicar todas estas reportagens para comprovar o quanto este local é considerado um dos mais perigosos da cidade de Pelotas, RS. Tanto que todas as notícias remetem-se a crimes ocorridos ou à insegurança dos moradores em relação ao seu cotidiano.

2.2.2 A escola

No dia 29 de dezembro de 2004, foi fundada no bairro Getúlio Vargas da cidade de Pelotas, RS, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti. A construção da escola foi o resultado de movimentos sociais do bairro que exigiram a construção de um novo espaço escolar, pois a única escola que existia no bairro – Escola Municipal Getúlio Vargas – não contemplava as necessidades locais. A escola Mário Meneghetti recebeu, inicialmente, o nome de

possam estar presentes, pedem para o vizinho representá-lo ou avisam para a escola o porquê de sua ausência.

Até nos piores momentos de violência no bairro, como uma grande briga que ocorreu entre o Getúlio Vargas e o bairro Dunas, para ver quem assumiria “a cabeça” do tráfico, nunca os traficantes interferiram nas atividades da escola. Inclusive, foi enviado recado à nossa escola, avisando-nos que não precisávamos nos preocupar com as crianças e adolescentes, pois não invadiriam, não atirariam nas proximidades do educandário, pois eles não almejavam para seus filhos, parentes e amigos a mesma vida que possuíam.

Com isso fica bem claro que o fato de uma escola ser localizada num bairro violento, não significa que ela o seja também. Para Charlot (2005)

quando o próprio bairro é presa da violência, é maior a probabilidade de que a escola também seja atendida. Todavia, é apenas uma probabilidade, e é necessário desconfiar dos raciocínios demasiados automáticos: assim, encontram-se escolas onde há pouca violência, nos bairros que são violentos (2005, p. 130).

Para melhor compreensão é preciso distinguir o que vem a ser violência dentro e fora da escola. Tanto para Charlot (2005) como para Abramovay (2005) há diferentes violências e embora difíceis de conceituar se faz necessário conhecê-las e interpretá-las. Os autores definem três tipos de violência: a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola. Para Schilling (2004, p. 34) “quando falamos de violência, a primeira pergunta a ser feita é de que tipo de violência falamos? Há violências diversas implicando atores (sujeitos) diversos e acontecendo sob formas diferentes (violência física, psicológica, emocional e simbólica). De diferentes dimensões - macro e micro -, que se relacionam entre si de maneiras peculiares”.

Para Abramovay (2005), a violência “dentro da escola” pode acontecer em qualquer lugar, exemplificando, quando uma pessoa invade a escola para acertar contas. A violência “na” escola remete a fenômenos ligados à especificidade da escola; por exemplo, ameaças para que o colega deixe colar na prova ou insultos ao professor. Por fim, a violência “da” escola é gerada pela própria instituição, sob várias formas, desde a bofetada até a chamada violência “simbólica” (por exemplo, palavras racistas ou de desprezo dirigidas a um aluno). A violência “da” escola ocorre “na” escola e “dentro da escola”, mas pode acontecer que ultrapasse os

muros do estabelecimento (quando ocorre nas relações com as famílias e com a comunidade a seu redor).

A incumbência do âmbito escolar é construir saberes, proporcionar aos estudantes momentos de reflexão e de adquirirem conhecimentos. Não se pode almejar que uma instituição de ensino abrace todas as desavenças de uma família ou de várias. Para Charlot (2005, p. 137), “quem mais pode abrir aos jovens a janela do espaço e do tempo, quem lhes fará descobrir que outro mundo é possível senão a escola? A escola deve levar em consideração a cultura da comunidade, mas deve, também, ampliar o mundo da criança para além desta”. De acordo com este teórico, é bem raro encontrar alunos violentos entre os que acham sentido e prazer na escola.

Movida pelas tensões do dia a dia dentro da escola, pelos sucessos e pelos fracassos dos alunos e professores, procurei a partir do olhar de professora, ex-diretora, ex-coordenadora e aluna falar desse lugar, e de quatro ex-alunos que estão na Universidade, no Curso de Licenciatura Plena em Matemática na Universidade Federal de Pelotas. Portanto, pretende-se conhecer a história escolar desses estudantes, desde sua saída da Escola de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti até a entrada na Universidade.

A pesquisa não abordará diretamente a relação dos alunos e alunas com o saber, porém será considerada a história do sujeito e a de suas transformações a partir de sua experiência na escola. Para Charlot (2005, p. 40), “o indivíduo não se desenvolve somente pela sua posição social, ou pela de seus pais; ele tem uma história; passa por experiências; interpreta essa história e essa experiência; dá sentido ao mundo, aos outros e a si mesmo”. Portanto, pretende-se buscar compreender o sentido que dão à sua história escolar.

Mobilizada por essas pessoas, que acreditam que a escola Mário Meneghetti é um espaço que possibilita a aprendizagem, que embora permeada pelas questões de violência da sociedade e mais proximamente do seu bairro, pode promover melhores condições de vida social e individual, relações afetivas e ser realmente um espaço de aprendizagem, é que procurei nos meus ex-alunos da escola, aqueles que optaram por seguir a minha profissão, e os convidei para participarem dessa pesquisa.

Com esses estudantes dissertei sobre suas trajetórias da escola de Ensino Fundamental até o Curso de Licenciatura Plena em Matemática. Trabalhei com a

perspectiva da escola como uma via de acesso ao exercício da cidadania e de possibilidades de realizar um desejo na esfera profissional. Os jovens, dois do sexo masculino e duas do sexo feminino são os ex-alunos que circulam pelos mesmos corredores do Curso de Matemática, caminhos que em alguns anos atrás já percorri. É a história de sucesso destes quatro discentes que retrato nesta dissertação.

Ao contatar com estes estudantes para saber se aceitavam fazer parte de minha dissertação, ambos mencionaram ser um privilégio. Assim, serviriam de exemplo e referência às novas gerações que estão surgindo, para que sigam seus passos e cheguem a um curso superior. Para executar esse trabalho, tenho o consentimento e aprovação da Secretaria Municipal de Educação e Desportes (SMED) (ver apêndice B) e autorização assinada por cada um dos acadêmicos, aceitando participar da dissertação (ver apêndice C).

3 Referencial Teórico

3.1 Bronfenbrenner e sua Teoria nas Histórias dos Graduandos

Ao escutar, analisar e refletir sobre a história de cada estudante, aqui mencionado, refletiu-se de que maneira o bairro, as famílias, professores e amigos influenciaram e auxiliaram no percurso trilhado por cada acadêmico? Estes alunos tiveram experiências diferenciadas em suas vidas embora possuam pontos em comum como o lugar onde moram, a escola onde fizeram seu ensino fundamental e, atualmente, o curso de graduação em Matemática na UFPEL, porém a chegada até a Universidade foi trilhada de formas distintas.

As pesquisas de Urie Bronfenbrenner têm possibilitado a compreensão sobre o desenvolvimento humano ao longo do ciclo de sua vida. Por isso, sua inserção neste trabalho é de fundamental importância. Sua teoria auxilia na compreensão das relações que os acadêmicos estabelecem nos ambientes em que atuam. O ambiente constitui o sujeito e é constituído por ele, pode ser na escola, na família ou no bairro, pois há uma relação dinâmica entre o sujeito e seu ambiente de convivência.

Bronfenbrenner nasceu em 29 de abril de 1917 durante a Revolução Russa e aos seis anos imigrou com seus pais para os Estados Unidos, logo após a morte de um irmão. Lá viveu como filho de um neuropatologista e pesquisador e de uma professora de língua russa, em busca de uma melhor posição e sobrevivendo à marginalidade e à pobreza, como os estrangeiros da época. Teve um casamento duradouro com uma mulher de descendência alemã, seis filhos, treze netos e uma bisneta até seu falecimento em 2005. Sua vida foi marcada por fatores de risco e de proteção concomitantes que mostram em sua experiência o quanto vale e quanto custa ser humano.

Urie acompanhava seu pai em seu trabalho, naquele período em uma instituição para deficientes mentais (com idades entre três e oitenta anos), que dividia o mesmo terreno que sua casa. Vivia cercado por arames farpados que cercavam sua casa e a instituição para evitar fuga dos residentes. De acordo com Alves (1997), “ele transitou por diversos papéis e contextos, convivendo desde então, em um ambiente multicultural, tendo contato com diferentes grupos étnicos e culturais durante sua escolarização”.

Acentuando seu contato com diferentes modos de viver e pensar, formado em Psicologia e Música pela Universidade de Cornell, durante os cursos de graduação e, posteriormente, em sua vida acadêmica, estiveram presentes autores como Kurt Lewin, Ted Newcomb e David Levy, entre outros. Conforme Alves (1997), “todos eles com importantes colaborações na formulação e desenvolvimento dos pressupostos da abordagem ecológica, que tem seu início na década de setenta”.

Bronfenbrenner desenvolveu três temas ao longo de sua vida e carreira: 1) buscava sempre uma boa teoria para o desenvolvimento humano; 2) que esta teoria deveria estar implicada e ser aplicada em políticas e práticas para a melhoria da qualidade de vida dos seres humanos em seus ambientes e 3) para disseminar o conhecimento, os pesquisadores precisam comunicar os seus achados em congressos, artigos, palestras.

Em 1989, Bronfenbrenner realizou uma séria crítica ao modo tradicional de se estudar o desenvolvimento humano, para o autor as pesquisas que se dedicavam ao estudo do desenvolvimento humano eram “fora do contexto”. Para ele as pesquisas focavam apenas a pessoa dentro de um ambiente restrito e estático, sem considerar as influências dos contextos em que o sujeito vivia.

Urie argumentava que os seres humanos viviam em ambientes inseridos um dentro de outro. Conforme o autor, o ambiente seria

un conjunto de regiones em el cual cada una está incluida em la siguiente, se basa, em gran medida, em las teorías de Kurt Lewin. Indudablemente, este trabajo puede considerarse como um intento de darle sustância psicológica y sociológica a los territorios topológicos de Lewin, de brillante concepción (BRONFENBRENNER, 1997, p. 29).

Posteriormente, ao revisar suas pesquisas, Urie fez algumas alterações em seus escritos. Segundo o autor, a primeira abordagem (1979/1996)⁸ dava ênfase demasiada nos contextos de desenvolvimento, isto é, deixando a pessoa em um segundo plano. Bronfenbrenner reconheceu que “sua teoria poderia estar incompleta até que ele incluísse os níveis estrutural e funcional do indivíduo (aspectos biológicos, psicológicos e comportamentais), unindo-os dinamicamente com os sistemas ecológicos criados anteriormente por ele” (BRONFENBRENNER, 2011, p.24).

Logo, sua primeira teoria, denominada Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano passou a ser chamada de Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. O primeiro modelo ressaltava que todos os níveis de organização envolvidos na vida humana são integralmente ligados à constituição do trajeto da ontogenia individual. Além disso, ofereceu aos estudiosos ferramentas conceituais para a compreensão dos níveis do contexto de desenvolvimento humano.

No segundo modelo, por mais de uma década, Bronfenbrenner e seus colaboradores trabalharam para integrar os outros níveis do desenvolvimento humano (Biologia, Psicologia e o comportamento) dentro da teoria que ele mesmo criou, reforçando o estudo das características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento. Neste, são rerepresentados quatro aspectos multidirecionais inter-relacionados, o que é designado como modelo PPCT: “processo, pessoa, contexto e tempo” (BRONFENBRENNER, 2011, p.24-26).

O processo envolve a fusão e a dinâmica de relação entre o indivíduo e o contexto. A pessoa é considerada com todas as suas características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais. O contexto é o meio em que o indivíduo está inserido e desenvolve-se. Esse contexto são ambientes ecológicos e percebidos como uma série de estruturas encaixadas, cada uma contida na seguinte, conforme a figura abaixo:

⁸ Ver Bronfenbrenner, Urie. **La ecología del desarrollo humano**. Paidós, 1987. 1 ed.



Figura 2 - Bonecas russas, conforme Bronfenbrenner, que representam os ambientes ecológicos do contexto.

Urie era russo e embora tenha ido morar nos Estados Unidos bem pequeno, levou consigo uma metáfora que remete a sua origem: as bonecas russas ou matrioskas⁹. Estas bonecas transportam a ideia intrínseca de maternidade e fertilidade, uma vez que são um símbolo da terra russa. O fato das bonecas mais pequenas saírem do interior das maiores simboliza o ato de uma mãe dar à luz uma filha, e a filha dar à luz outra filha, e assim sucessivamente. Além disso, também sugerem riqueza e vida eterna, e sempre transmitiram uma mensagem simples e duradoura de amor e amizade.

Vale, também, a pena saber que no ano de 2001 foi aberto o Museu da Matrioska em Moscou, o único no mundo que dá a conhecer e difunde a história destas bonecas russas.

Essas estruturas, do ambiente ecológico, são chamadas de **micro, meso, exo e macrossistema**. No modelo PPCT, temos o tempo que se refere aos eventos históricos que podem alterar o curso do desenvolvimento humano, como por exemplo guerras e períodos de exílio. Bronfenbrenner, também, ressalta que os fenômenos que ocorrem em ambientes de vida real estão sempre sujeitos a variadas formas de influências, podem variar ao longo do tempo e do espaço.

Quanto às estruturas, detalhando-as um pouco mais, temos a seguinte denominação:

⁹ Disponível em: <<http://educacao.umcomo.com.br/articulo/qual-e-a-historia-das-matrioskas-as-bonecas-russas-6266.html>>. Acesso em: 31 maio 2016.

Microsistema – Inclui o ambiente imediato e todos aqueles que o sujeito tem uma experiência direta (família, escola, creche, local de trabalho). Também, é importante “as conexões entre outras pessoas presentes no ambiente, à natureza desses vínculos e a sua influência indireta sobre a pessoa em desenvolvimento”.

Messosistema – Inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente (para uma criança: as relações em casa, na escola, com vizinhos; para um adulto: as relações na família, no trabalho e na vida social). Um messosistema é, portanto, “um sistema de microsistema. Ele é formado, ou ampliado sempre que a pessoa entra em um novo ambiente”.

Exossistema – Inclui os ambientes em que a pessoa não vive diretamente, mas que a influenciam profundamente pelos eventos que ocorrem e que podem afetar os microsistemas, especialmente, a família (Ex: condição de trabalho dos pais).

Macrossistema – Inclui o ambiente cultural mais amplo em que tanto o micro quanto o meso e o exossistema estão inseridos. São os padrões globais de ideologia e organização das instituições sociais comuns a uma determinada cultura ou subcultura.

O diagrama¹⁰ ilustra bem essas quatro subdivisões do contexto:

¹⁰ Modelo apresentado pela Professora Janete Orengo. Disponível em: <http://www.suagm.edu/umet/biblioteca/Reserva_Profesores/janette_orengo_educ_173/Urie_Bronfenbrenner.pdf>. Disponível em: 12 maio 2016.

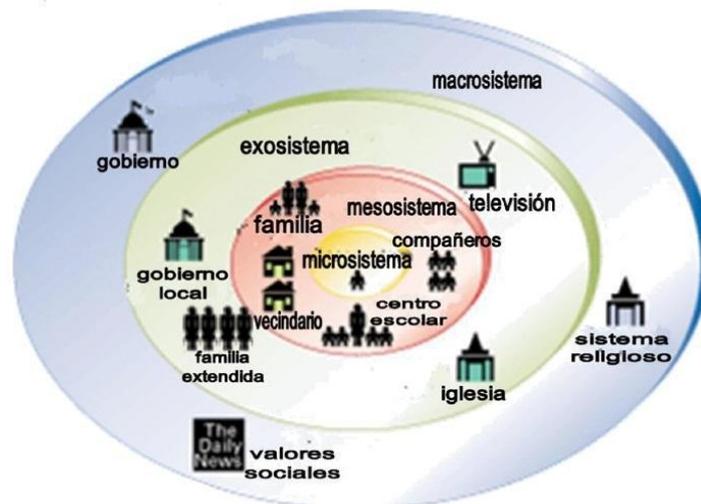


Figura 3 - Subdivisões do contexto.

A pesquisa em questão apresenta o percurso de quatro alunos que vivem na periferia, estudaram em escola pública e chegaram à universidade. Trata-se de um estudo que aborda as experiências pessoais e o contexto em que esses alunos e alunas cresceram.

As transformações vividas pelos estudantes, os mecanismos que utilizaram para chegarem à universidade e a influência da escola, família e o bairro em que cresceram serão avaliadas. Os estudos de Bronfenbrenner ajudam a compreender essas transformações, para ele “a transición ecológica se produce cuando la posición de una persona em el ambiente ecológico se modifica como consecuencia de um cambio de rol” (BRONFENBRENNER, 1997, p. 46). Os discentes mudaram suas posições de alunos da escola da periferia para o de alunos universitários. Na universidade, trocaram o convívio com pessoas de um mesmo bairro para conviverem com indivíduos de diferentes lugares da cidade, adquirindo novos hábitos de convivência.

Percebe-se a vivência, atuação e progresso dos graduandos no microsistema: primeiramente na escola, agora na faculdade. Houve avanço nas relações dos alunos nesse ambiente imediato, no microsistema, que conforme Bronfenbrenner (2011) é neste que

um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento em um dado ambiente onde estabelece relações face a face com características físicas, sociais e simbólicas que permitam seu engajamento, sustentando atividades mais complexas em um contexto mais imediato e incluindo, também, interações da pessoa com o mundo dos símbolos e da linguagem (p. 26).

Os alunos foram influenciados por todos os sistemas, seus êxitos estão contidos no macrosistema, onde o senso comum diz que alunos de escola pública localizada em bairros violentos, não entrarão na universidade. Suas trajetórias demonstram que o convívio no microsistema e suas formas de organização e atuação, fizeram-nos romper com o fato de alunos da periferia não poderem ter acesso ao ensino superior.

Dentro do microsistema, encontra-se a família como uma das relações mais próximas e de principal apoio e organização para chegar à universidade. Portanto, um dos objetivos dos eixos que estão contemplados na entrevista semiestruturada desse estudo, é conhecer a importância da família no processo escolar e acadêmico dos graduandos. A teoria considera que a família, inserida no microsistema, participa das relações diretas com os indivíduos. Ela terá contato com os demais ambientes, estabelecendo vínculos com a escola, religião e até mesmo de forma indireta, como a interferência de questões profissionais dos familiares, que acabam repercutindo dentro de casa (mesosistema). A família contribuiu para o desenvolvimento escolar destes acadêmicos, pois interfere de forma direta nas relações que possui e nos vínculos que estabelece.

Por intermédio das perguntas feitas com os estudantes, pretendeu-se conhecer como foi a influência desses familiares, dos professores e dos amigos na escolaridade desses alunos, principalmente, na relação aluno-professor, aluno-família, aluno-escola, aluno-comunidade. Essa relação é denominada de díades na Teoria do Desenvolvimento Biopsicológico. A “díada es o sistema de dos personas, que se caracterizan por las relaciones recíprocas” (BRONFENBRENNER, 1997, p. 25) e “cuando se establece una relación onde una persona em um entorno presta atención a las actividades de otra, o participa em ellas” (BRONFENBRENNER, 1997, p. 78).

Percebe-se a importância das díades, pois foi por intermédio de relações e participação na atividade entre acadêmicos e outras pessoas, que a escolha pela matemática e o desejo de ingressar na faculdade efetivaram-se na vida destes

estudantes. Como exemplo, pode-se citar que dois dos alunos mencionaram serem seus professores quem os estimulou a seguir a carreira do magistério.

As relações que estes universitários estabelecem nos diversos ambientes ecológicos que circulam constituem seu desenvolvimento humano que é “o processo que se refere à estabilidade e mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos durante o curso de suas vidas e através de gerações” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 27). Segundo o autor, “essas relações são o centro para promover o curso da vida humana” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 29).

Como já mencionado, a teoria bioecológica do desenvolvimento, é uma teoria relativamente nova, com pesquisas em ascensão. Este trabalho pretende humildemente contribuir como um estudo que usou esse referencial teórico, assim como outros trazidos aqui no texto. No intuito de conhecer a aplicabilidade do modelo bioecológico do desenvolvimento humano em pesquisas, realizou-se uma busca no google acadêmico e no site da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no período de 2005 a 2015, para encontrar artigos que contemplassem essa teoria e viessem a contribuir com esta escrita.

No google acadêmico, usando como detector “teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner entre 2005 a 2015”, encontrou-se 115 resultados que se referiam a estudos fundamentados na teoria aproximadamente. No site da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, utilizando-se de “artigos, dissertações e teses sobre teoria bioecológica do desenvolvimento humano entre 2005 a 2015” encontrou-se 61 resultados.

Os quadros a seguir mostram os principais estudos utilizados como suporte para leitura, conhecimento ou escrita desta dissertação.

A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados - Paola Biasoli Alves - Artigo 1997.
Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner - Idonézia Collodel Benetti, Mauro Luis Vieira, Maria Aparecida Crepaldi e Daniela Ribeiro Schneider - Artigo 2013.
A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias - Edna Martins e Heloísa Szymanski - Artigo 2004.
O professor ecológico no contexto da instituição escolar - Maria José Etelvina dos Santos Salvador – Artigo 2009.
Análise da formação de atletas no voleibol brasileiro sob a perspectiva da teoria bioecológica do desenvolvimento humano – Rodrigo Lara Rother – Dissertação 2014.
Obesidade infantil na perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano – Priscilla Machado Moraes – Tese 2015.
Estrutura e finalidades do ambiente esportivo: estudo de caso em clube de basquetebol feminino – Alexandra Folle; Juarez Vieira do Nascimento e Edison Roberto de Souza – Artigo 2015.
Adolescente em liberdade assistida: análise da influência de variáveis familiares - Viviane Terres Ribeiro, Lígia Ebner Melchiori e Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues – Artigo 2015.
Famílias com adolescente com síndrome de Down: apoio social e recursos familiares - Nara Liana Pereira-Silva, Larissa Dias Oliveira e Mayse Itagiba Rooke - Artigo 2015.
Inserção ecológica Critérios e possibilidades de aplicação - Maria Coelho, Cristina Dias e Priscilla Machado Moraes - Artigo 2015.
Estudo comparativo com mães de crianças de desempenho diferenciado na aprendizagem escolar - Elizabeth Maria Rodrigues Norbiato Pin e Vera Lucia Deps- Artigo 2014.

Quadro 1 - Trabalhos encontrados no Google Acadêmico.

Contextos ecológicos de promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade – Michele Poletto- Mestrado 2007.
Infância, tempo e atividades cotidianas de crianças em situação de rua: as contribuições da teoria dos sistemas ecológicos – Paola Biasoli Alves – Tese 2002.
Práticas dos Terapeutas Familiares Brasileiros : a Perspectiva da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano - Laíssa Eschiletti Prati – Tese 2009.
Adolescência, psicoterapia e desenvolvimento humano - Adriano Pereira Jardim - Dissertação 2003.
Estratégias educativas familiares: reflexiones a partir de la teoría ecológica contextual - Mariana Gonçalves Boeckel, Jorge Castellá Sarriera e Adriana Wagner - Artigo 2006.

Quadro 2 - Trabalhos encontrados no site da UFRGS.

Estas pesquisas trazem a contribuição da teoria de Bronfenbrenner em estudos focalizados em uma determinada secção teórica da mesma. Por exemplo, Martins e Szymanski (2004) descrevem por meio de um estudo-em-contexto uma metodologia para pesquisas com famílias em ambiente natural. Refletindo sobre as práticas em educação e na influência das brincadeiras nas mesmas, esta metodologia foi utilizada em uma pesquisa qualitativa com famílias de periferia urbana que vivem em condições adversas e está fundamentada na Teoria dos Sistemas Ecológicos, incluindo visitas em suas casas, observações, conversas informais e entrevistas.

Santos (2009) investiga a compreensão que os professores possuem sobre as medidas socioeducativas que a escola adota, ou elege para disciplinar, ou educar os estudantes que são considerados “indisciplinados e agressivos”, deseja possibilitar uma reflexão do fazer pedagógico e da postura do professor frente ao comportamento considerado “indisciplinado” e “agressivo” do estudante e propor, a partir dos dados colhidos nesta pesquisa, medidas socioeducativas baseadas no modelo ecológico de desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner.

Benetti et al. (2013) em sua pesquisa, de natureza teórica, tem por objetivo trabalhar os seguintes aspectos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner: as origens das proposições do autor, suas bases

ontológicas e epistemológicas, o ponto de vista antropológico e a aplicação da teoria em termos de método e técnicas utilizadas em pesquisas nesta fundamentadas.

É inquestionável a colaboração da teoria proposta por Bronfenbrenner, principalmente, por trazer para as pesquisas a necessidade de ter em conta a dimensão da complexidade das relações dos seres humanos e a forma como estas e o contexto na qual estão inseridas contribuem para o desenvolvimento dos mesmos, pois a ecologia do desenvolvimento humano é

o estudo científico da progressiva acomodação mútua, durante todo o ciclo de vida, entre um ser humano ativo em crescimento e as propriedades em mudança nos contextos imediatos os quais a pessoa em desenvolvimento vive. Nesse processo ela é afetada pelas relações entre esse contexto imediato e os distantes, estando todos esses encaixados (BRONFENBRENNER, 2011, p. 138).

À medida em que o ser humano vai crescendo, automaticamente vai aumentando seu círculo de relações sejam elas escolares, afetivas ou profissionais. Essa ampliação de convívio permitirá novos aprendizados e novas possibilidades de crescimento pessoal, emocional e biológico. Isso é o que faz o indivíduo adquirir maturidade e conhecimento.

3.2 Lahire e Charlot: problematizações sobre fracasso e sucesso escolar

Assim como há incertezas relacionadas à definição de violência, também, existem inúmeros impasses envolvendo o conceito de fracasso escolar. No Livro – Para Além do Fracasso Escolar (1997) – organizado por Anete Abramowicz e Jaqueline Moll, e escrito por diversos autores, os quais abordam diversos aspectos do fracasso escolar, alguns relacionam o fracasso com o fato de os alunos reprovarem na escola, outros à falta de estrutura familiar, bem como a inexistência de capital cultural oriundo das mesmas. Também, aparecem os que consideram as condições sociais e discriminatórias em que vivem jovens e crianças como o principal fator que os faz evadir das escolas, ou terem baixos índices de aproveitamento.

Para Charlot (2005), o fracasso escolar “trata-se de um tema muito discutido, mas pouco analisado. O assunto, no discurso público, assume tantas conotações que, no fim, ninguém sabe bem do que se fala quando se fala em fracasso escolar”

(CHARLOT, 2005, p. 22). Essas palavras estão de acordo ao que foi mencionado durante o início desta secção, são variadas e remetem a diferentes direções. Ainda, citando a Charlot (2000), ele afirma que “não existe fracasso escolar; existe, sim, alguém em situação de fracasso. Existem alunos fracassados, histórias escolares que terminam mal. O que deve ser analisado são essas histórias, essas situações”.

Algumas vezes os conhecimentos dos pais não são suficientes para auxiliar seus filhos nas tarefas escolares. Como descreve Lahire podemos dizer que os casos de “fracassos” escolares são casos de solidão dos alunos no universo escolar: muito pouco daquilo que interiorizam através da estrutura de coexistência familiar possibilita-lhes enfrentar as regras do jogo escolar, as formas escolares de relações sociais. Realmente, eles não possuem as disposições, os procedimentos cognitivos e comportamentais que lhes possibilitem responder adequadamente às exigências e injunções escolares, e estão, portanto, sozinhos e como que alheios diante das exigências escolares. Quando voltam para casa, trazem um problema (escolar) que a constelação de pessoas que os cerca não pode ajudá-los a resolver: carregam, sozinhos, problemas insolúveis.

Para Da Silva, Barros et al. (1997, p. 37) “o que encontramos, todavia, é a estigmatização do aluno reprovado, que passa a ser visto como diferente, ou deficiente. Ou ainda, a estigmatização da sua família, considerada desinteressada e desestruturada, portanto, incompetente para educá-lo e acompanhá-lo nas tarefas escolares”. Charlot (2005) corrobora com os autores ao dizer que:

o que produz o sucesso ou fracasso escolar é o fato de o aluno ter ou não uma atividade intelectual – uma atividade eficaz que lhe possibilite apropriar-se dos saberes e construir competências cognitivas. Se um aluno fracassa na escola, não é diretamente porque pertence a uma família popular, é porque não estuda ou porque não o faz de maneira eficaz (2005, p. 54).

Um estudo realizado por Lahire (1997) com vinte e quatro crianças, da segunda série do ensino fundamental, na França, demonstrou que se constroem perfis que acabam por demonstrar harmonias, ou contradições entre comportamentos e qualidades morais, por um lado, e resultados escolares e qualidades intelectuais, por outro: existem alunos indisciplinados, instáveis e com desempenhos escolares medíocres; alunos disciplinados, atentos e com bom desempenho escolar; mas existem, também, ainda que mais raramente, alunos

razoavelmente indisciplinados e com bons desempenhos escolares e alunos relativamente disciplinados com fraco desempenho escolar. Ou seja, não há uma regra específica que estabeleça o sucesso, ou não de um estudante.

Pode-se dizer que, também, percebe-se estas características na escola desse estudo, encontram-se alunos com problemas de disciplina e com bom aproveitamento escolar, assim como alunos disciplinados e que apresentam péssimo rendimento.

Tratando-se de uma pesquisa no interior de uma escola, não tem como desconsiderar outros fatores que atravessam o universo escolar, assim como Diz Bronfenbrenner somos influenciados pelo contexto que nos cerca, desde os que percebemos até os que indiretamente nos atingem sem percebermos. Portanto, quando abordo a escola e docentes pensa-se também na Maria Helena Patto (2010, p. 29),

o desrespeito profissional que cerca os professores: desde os baixos salários, a péssima qualidade dos cursos de formação e a exclusão das decisões sobre a política educacional, onde recebem ordens e modelos pedagógicos vindos de cima para baixo, sem direito a escolha dos mesmos. Ademais, há um abismo que separa o discurso democratizante e a realidade das práticas escolares, onde os índices de escolaridade aumentam não importando a qualidade do ensino oferecido a uma maioria que o integra (2010, p. 33).

Sabe-se que os alunos provenientes de famílias pobres, residentes na periferia, têm menos chance de obter sucesso escolar. De acordo com Charlot (2005), muitos estudos são realizados sobre esse tema. Para essa pesquisa, pretende-se trazer, digamos assim “a experiência ao contrário” o estudo de quatro alunos considerados como – Êxitos Paradoxais – chamados assim pelo fato de serem filhos de famílias populares que estão na Universidade e para Charlot (2005) conforme a Sociologia da Reprodução, estão fora da norma

As pesquisas relacionadas ao estudo sobre sucesso escolar nos meios populares não eram muito frequentes e ocupavam um lugar inexpressivo, Zago (2000). Nove anos depois, Piotto (2009) constatou o aumento do número de trabalhos sobre o fracasso escolar de alunos das camadas populares e salientou que “pesquisas sobre o sucesso escolar ou trajetórias escolares bem-sucedidas nas camadas populares são menos frequentes”.

Pesquisas que investigam o acesso e a permanência de estudantes provenientes das camadas populares no ensino superior têm surgido, no Brasil, principalmente, a partir da década de 1990. Tais estudos investigam tanto os processos que permitiram a esses jovens o ingresso na universidade quanto à experiência do estudante pobre nesse nível de ensino.

Dentre os trabalhos desenvolvidos e pesquisados, encontra-se a contribuição de alguns autores que colaboraram para a escrita dessa dissertação. Carvalho¹¹ (2010) pesquisou a categorização dos cinco principais fatores que são considerados básicos para levar um aluno a obter sucesso, dentre eles merecem destaque: a família, professores/escola competente, autoestima do aluno/força de vontade, saúde geral do aluno e recursos econômicos.

Zago (2000) apresenta alguns dados de pesquisas com famílias de meios populares que vivenciaram situações que demonstram adaptação escolar e maior permanência de seus filhos no sistema de ensino, se comparado às estatísticas do sistema de ensino brasileiro. Bezerra¹² (2004) vem esclarecer de que forma se constituiu a opção pela docência como profissão, considerando as origens socioeconômica e cultural, bem como a participação e contribuição da família para essa escolha.

Carvalho (2010), em seu estudo, concluiu que os fatores que levam um aluno ao sucesso são: família (apoio dos pais e familiares, boa estrutura familiar, valores transmitidos pela família), escola (competência do professor, boa base, direção competente, coerência no processo, aula prazerosa, conteúdos, atividades outras), aluno (componente emocional, amigos, currículo de vida que o aluno traz, força de vontade, motivação), saúde (esportes, alimentação, boa qualidade de vida) e questão econômica (recursos econômicos, nível de classe social).

Conforme os resultados encontrados por Bezerra (2004), em seu artigo¹³, se considerarmos o total de 40 entrevistados as variáveis esforço pessoal (77,5%) e incentivo da família (37,5%) continuam predominando dentre os motivos do sucesso

¹¹Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_35/arlenna_carvalho.pdf>. Acesso em: 12 maio 2016.

¹²Disponível em: <leg.ufpi.br/subsitesFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT17/GT8.PDF>. Acesso em: 02 maio 2016.

¹³Este artigo tem por objetivo compreender de que forma os acadêmicos dos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Piauí optaram por esta graduação, enquanto profissão, considerando o apoio familiar e sua contribuição nesta escolha.

escolar. O autor reconheceu nos seus dados que apesar de atribuírem importância ao conhecimento escolar, o investimento pedagógico das famílias dos licenciados é limitado pelas condições econômicas das famílias, o que vem ao encontro do pensamento de Lahire (1997) ao afirmar que o sucesso escolar não tem relação direta com as práticas de investimento familiar.

Lahire (1997) reforça a necessidade de se desenvolver a autonomia do aluno, ou seja, que ele aprenda a se “virar sozinho”, buscando entender suas deficiências para poder saná-las, procurar fazer uso dos recursos que estão à sua disposição como dicionários, mapas e atualmente a internet.

Outro tópico em que os autores Charlot (1996) e Lahire (1997) concordam é que se faz necessário, para compreender o fracasso, ou sucesso escolar, analisar as histórias singulares dos alunos envolvidos no processo escolar. Conforme Charlot (1996, p. 49), parece-nos essencial levar em consideração essa singularidade pois “o fracasso escolar se constrói, portanto, numa história singular e é mais frequente entre as crianças de famílias populares”. Ainda, Charlot (1996, p. 49) contribui mencionando que “embora o indivíduo se construa no social, ele se constrói como sujeito, através de uma história, não senso, assim, a simples encarnação do grupo social ao qual pertence [...] também, não é o simples resultado das influências do ambiente”.

Por fim, este trabalho tem a finalidade de contribuir com o objetivo de Piotto (2009) de desafiar os leitores e pesquisadores a “investigar a participação da escola na construção de trajetórias escolares prolongadas, como a de estudantes provenientes das camadas populares que alcançaram o ensino superior – tarefa tão urgente e necessária”.

Dentre tantas definições ou indefinições de fracasso/sucesso escolar, foi em Souza e Silva (2003 apud CARVALHO 2010) escolheu-se aquela que considera que: “sucesso escolar é definido a partir da conquista pelos estudantes provenientes dos setores populares do diploma de nível superior, seja em instituição pública ou particular” (CARVALHO, 2010, p. 18).

3.3 Abramovay: os reflexos da violência

Muitos autores reconhecem a dificuldade em definir o termo violência. Isso ocorre porque a violência não deixa de ter uma característica cultural, isto é,

depende da maneira como vive uma determinada população e dos valores e rituais que determinam sua forma de viver e conviver no grupo. Em uma palestra dada pelo professor e jornalista Marco Rolim¹⁴, ele relatou que a violência depende da cultura de um povo. O que é violento para mim (apedrejamento das mulheres em praça pública por terem praticado adultério, costura da vagina das meninas muçulmanas para serem puras) não o é para o povo muçulmano. Assim sendo, a violência depende do ponto de vista de quem a sofre e de quem a observa.

Percebe-se, na literatura, que alguns teóricos também “preferem não definir” violência e violência escolar. Charlot (apud ABRAMOVAY, 2002, p. 72) refere-se à dificuldade em definir violência escolar não somente porque esta remete aos *fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e de ordenar*, mas também porque *desestrutura as representações sociais que têm valor fundador: aquela da infância (inocência), a da escola (refúgio de paz) e a da própria sociedade (pacificada no regime democrático)*.

Já Sarmiento (2009) menciona que

para entender a violência, portanto, é preciso compreender que várias culturas e sociedades imprimem definições e práticas diferenciadas em sua história, mas há um certo fundo comum, ela é entendida como o uso da força física e do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu ser. A violência é violação da integridade física e psíquica, da dignidade humana de alguém (2009, p. 24).

Conforme Abramovay (2005), apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ele é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores atribui-lhe um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais. Corroborando e refletindo sobre esta contribuição e do professor Rolim, percebe-se, novamente, que a violência possui um caráter social e que constantemente passa por modificações.

Sarmiento (2009) destaca que é “interessante registrar que a violência física entre as meninas vem ganhando grande expressividade [...] envolvendo, na maioria das vezes, conflitos de namorados, ciúmes, preferências, entre outros” (2009, p. 39).

¹⁴ Apresentou a palestra intitulada “A escola e a violência: para além do medo e do mesmo” no 12º Encontro sobre o Poder Escolar, ocorrido na cidade de Pelotas/ RS, de 25 a 28 de agosto de 2014. Seus endereços de contato são marcos@rolim.com.br e www.rolim.com.br.

Elas vêm com desavenças de fora da escola, dentro da instituição ficam enviando-se recados por intermédio de suas amigas. Ao saírem do estabelecimento, encontram-se em esquinas bem distantes para engalfinharem-se, sempre com um enorme grupo ao redor incentivando a briga. Assim, não prejudicam sua permanência na escola e as penalidades que isso acarreta.

Conforme Abramovay (2005, p.22)

A “violência” não existe. O que existe são atos, gestos, agressões, ameaças, palavras, brincadeiras e até silêncios, que matam, ferem, machucam, ofendem, aborrecem, frustram, etc., deixando bem claro que todos esses verbos não são sinônimos. Por produzirem esses efeitos, alguns desses atos, gestos, etc., são rotulados de “violentos”.

Ao mesmo tempo esta autora fala de violência como “a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) e, também, contra si mesmo – abrangendo desde suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de “acidentes”, além das diversas formas de agressão sexual. Compreende-se, igualmente, todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional” (ABRAMOVAY, 2002, p. 95). Dominguez e Machado (2010) ressaltam que “a violência não é um vírus ou bactéria, mas afeta profundamente as pessoas do ponto de vista físico e psicológico”.

Abramovay (2005) enfatiza, enquanto pesquisadora envolvida na questão da educação, que, se tivesse que propor uma definição da violência, proporia a seguinte: “violência” é o nome que se dá a um ato, uma palavra, uma situação, etc., em que um ser humano é tratado como um objeto, sendo negados seus direitos e sua dignidade de ser humano, de membro de uma sociedade, de sujeito insubstituível. Assim definida, a violência é o exato contrário da educação, que ajuda a advir o ser humano, o membro da sociedade, o sujeito singular. Essa definição não diz “a verdade” do conceito de violência, que não pode deixar de ser relativo. Ela propõe uma postura ética, aquela postura que condiz com o engajamento pela educação (2005, p. 24). Abramovay (2005) menciona que “não há, entre os especialistas sobre o tema, um consenso acerca do que deve ser entendido como um ato de violência”.

Devido a esta dificuldade, Charlot (2005) resalta que os pesquisadores franceses desenvolveram uma distinção entre a violência, a transgressão e a incivilidade. Violência ataca a lei com uso da força, ou ameaça usá-la (lesões, tráfico

de drogas na escola, insultos graves); a transgressão é o comportamento contrário ao regulamento interno do estabelecimento, mas não ilegal do ponto de vista da lei (não realização de trabalhos escolares, falta de respeito) e a incivilidade contrária às regras da boa convivência (desordem, empurrões, palavras ofensivas). Com esta distinção, torna-se mais fácil verificar quem trata tal fenômeno. Por exemplo: o tráfico de drogas é de responsabilidade da polícia, já o insulto a um professor deve ser tratado pela própria escola.

Antigamente, eram raras as situações de violência nas escolas. Nos últimos anos, situações de brigas internas, invasões e mortes têm percorrido as notícias que envolvem os estabelecimentos de ensino. Os resultados das pesquisas de Charlot (2005) apontam para resultados que vão ao encontro dessas considerações, ao dizer que

assiste-se há alguns anos a um aumento do número de “intrusões externas” na escola: trata-se, por vezes, da entrada nos estabelecimentos escolares, de bandos de jovens que vêm acertar contas das disputas nascidas no bairro [...] há aqui uma outra fonte de angústia social: a escola não se apresenta mais como um lugar protegido e até mesmo sagrado, mas como um espaço aberto às agressões vindas de fora (p. 126).

De certa forma, a violência nas escolas, ou nos bairros considerados mais violentos, afeta de maneira direta os estabelecimentos escolares. Isso ocorre porque muitos docentes e profissionais da área da educação recusam-se a trabalhar nestes locais ou, os que vão, vão contra sua vontade, ficam no máximo um ano e pedem para serem remanejados. Abramovay (2002) corrobora com essa constatação, ressaltando que as violências têm impactos objetivos sobre a qualidade do ensino, na medida em que tendem a provocar uma rotatividade dos professores. Estes procuram se transferir para locais onde o exercício profissional se mostre mais seguro, possivelmente, abrindo lacunas no quadro de docentes das escolas nas quais ocorrem mais violências.

Para Charlot (2005), existem escolas violentas em bairros calmos e escolas calmas em bairros violentos. Essa frase retrata a realidade da Escola Mário Meneghetti. Há três anos aconteceu uma briga do tráfico muito grande entre os bairros Getúlio Vargas e Dunas. Aconteceram várias invasões, em ambos os locais, porém ninguém se aproximou da escola. Sabíamos dos acontecimentos pelas conversas com a própria comunidade, com os agentes da Guarda Municipal que

repassam o que tinha ocorrido. Carros foram queimados, as pessoas tinham que respeitar o “toque de recolher”, às vinte horas tinham que estar em suas casas, porém, nenhuma pessoa fez mal à escola. Os moradores do bairro falavam que ali não fariam mal, pois traficante não quer filho e familiar seu envolvido no crime. Outras situações de tráfico, também, já circundaram nossa escola, mas até o presente momento estivemos livres de invasões.

Percebe-se que algumas pessoas que compõem o grupo dos traficantes, são alunos que passaram por nossa escola e acabaram desistindo dos estudos para ganhar dinheiro de forma rápida e fácil. Mas a durabilidade de seus sonhos é muito curta. Eles morrem muito cedo, ou acabam residindo nos presídios. Segundo Abramovay (2002, p. 34), “a exclusão dos jovens, em particular das classes de trabalhadores e de setores populares, leva, também, ao desencanto em relação ao valor da escolaridade”, este seria outro fator que, também, contribui para a desistência dos estudos.

Para Menezes (2009), as equipes diretivas das escolas, muitas vezes, tomam para si problemas sociais que as cerca, assumem para si a resolução ou amenização destes impasses. Para o autor

Seus educadores não se consideram heróis ou mártires, e se algo os distingue é seu sentido de pertencimento à escola e vice-versa. Professores, coordenação e direção constituem uma efetiva equipe e alguns integrantes mais experientes ou há mais tempo na unidade respondem pela memória e pelo compromisso institucional, ou seja, seu corpo docente é realmente um corpo (MENEZES, 2009, p. 98).

Em relação à presença da polícia dentro da escola, Patto (2010, p. 37) se diz contrária à intervenção da polícia na escola, para a autora, os policiais devem ter nas escolas as mesmas responsabilidades que deveriam ter em qualquer outro espaço social. As questões de violência na escola são em parte problemas que podem ser discutidos e diminuídos dentro da própria escola e a polícia pode ser chamada em situações que a violência escape das ações dos professores. Experimenta-se, nesse bairro considerado violento, uma escola que se pode dizer não violenta, por tratar-se de um lugar em que mais do que aulas de “moral e cívica”, pautamo-nos por relações humanistas e democráticas nas quais os alunos e alunas e comunidade escolar são respeitados.

4 Resultados

4.1 Perfil dos Alunos

Há mais de dez anos trabalhando no Meneghetti, tive o privilégio de visualizar muitos casos de sucesso em diferentes áreas. Há ex-alunos cursando Direito, Educação Física, Letras, Biologia, Pedagogia e Matemática. Por esta última ser a área de minha atuação, propus-me a descrever a trajetória destes quatro ex-alunos, acadêmicos de matemática na UFPEL. A seguir, apresento algumas características deles.

Ao descrever seus atributos, os designarei com nomes de pedras preciosas, visto que assim os visualizo e os considero. Pedras que saíram das mãos dos garimpeiros e, atualmente, encontram-se nas vitrines das joalherias, moldadas e esculpidas, sendo as mais lindas e perfeitas. Esse fato facilitará a leitura do texto, bem como relacionará cada acadêmico a uma pedra que traz como significado¹⁵ características, que segundo meu ponto de vista, encontram-se em suas personalidades.

A aluna **M.P.** era da primeira turma de quinta série da escola. Participou da primeira colação de grau no nosso auditório. Muito estudiosa, educada, tímida ao extremo e com espírito de liderança. Foi representante da turma no ano da formatura. Apesar de sua timidez, pôs “ordem na casa”. Organizava-se junto aos colegas para desempenharem as atividades necessárias para arrecadar dinheiro para a realização de sua colação.

¹⁵ Disponível em: <<http://casadaspedrasepratas.blogspot.com.br/p/significado-das-pedras.html>> em março de 2016. Este site traz as explicações e imagens usadas nessa secção da dissertação.

Estudava na mesma turma de sua prima. Estava sempre atenta às explicações e realizando todas as tarefas solicitadas com capricho e, no momento em que precisava de auxílio, vinha tirar dúvidas com o professor. Era muito solicitada pelos colegas nos trabalhos em grupos, pois todos sabiam que ela estudava bastante. Apresentava dificuldades, porém como era muito estudiosa, conseguia tirar boas notas nas avaliações. Sem falar que o comportamento era maravilhoso.

É a primeira a ingressar na faculdade de matemática, logo está à frente dos demais. Cursa matemática à noite e trabalha numa das imobiliárias de maior prestígio em Pelotas. Depois do proprietário e diretora, ela é o cargo mais próximo. Inclusive duas de suas férias estavam com vencimento próximo, pois como somente ela e a diretora sabem mexer em toda programação da empresa, não conseguiam liberá-la devido aos compromissos da firma. Mudou muito! Sua timidez foi substituída por um espírito de liderança conduzido por uma oratória que é irreconhecível. **M.P** será designada como **Cristal Rutilado**, que é a pedra que indica sucesso, raciocínio lógico e objetividade. Tem como propriedades propiciar bem-estar e força para viver. Atrai o sucesso, desenvolve o raciocínio lógico e a objetividade para melhor alcançar nossas metas.



Figura 4 - Imagem do Cristal Rutilado.

T.P. é irmão da Cristal Rutilado. Também é tímido, estudioso e comprometido com as tarefas escolares. Apresentava dificuldades na execução das atividades, portanto tinha aulas pela manhã e participava do reforço em turno inverso, na escola. É o caçula da família de três filhos (Cristal Rutilado é a irmã do meio). Com o passar dos anos, percebi que T.P. tornou-se mais comunicativo e menos tímido. Atualmente, trabalha em uma loja de reconhecimento mundial, em Pelotas. Já comprou sua moto e tem se destacado nas reuniões da empresa devido

a sua oratória, que segundo o mesmo, desenvolveu na escola, com o auxílio dos professores.

T.P. será nomeado de Ágata Dentrita que é indicada para afastar os obstáculos e nos dar determinação. Suas propriedades estimulam o equilíbrio físico e mental. Na parte psíquica, nos dá determinação ajudando-nos a afastar o medo e, conseqüentemente, os obstáculos.



Figura 5 - Imagem da Ágata Dentrita.

O B.B. era aquele aluno que mal o professor começa a explicar e já sabe a matéria. Recordo-me que sua letra era um horror! A afobação para fazer os exercícios e finalizá-los o quanto antes era tão grande, que mal entendíamos sua grafia. Porém, era e continua sendo muito inteligente! Era o típico estudante que não estudava nunca e só tirava notão.

Saiu do ensino fundamental da escola e foi direto para o Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça IF-CAVG. O aluno estava ainda no estágio do seu curso técnico quando fez o vestibular e foi aprovado na primeira chamada. Para ambas as seleções, não fez nenhum curso auxiliar, sua dedicação e sua formação foram suficientes para a admissão. Vejo no B.B. um doutor em matemática pura. Gosta muito das matérias das exatas, mas não curte muito as humanas. Acredito que siga os trilhos dos cálculos para sua vida profissional.

Quartzo Sodalítico é como chamarei **B.B.** Essa pedra é indicada para estudos e raciocínio. Suas propriedades favorecem a concentração, atuam como inspiradora sobre o cérebro e os pensamentos, sendo excelente para a memória.



Figura 6 - Imagem do Quartzo Sodalítico.

A aluna **C.P.** é minha pedra preciosa escondida. A última a ser descoberta entre os quatro graduandos. Por sorte, ao recuperar os dias em que faltaria para apresentar trabalhos referentes ao mestrado, deparei-me com seu irmão em uma das turmas que falou que a irmã estava “fazendo coisas de matemática”.

Foi uma enorme surpresa saber dessa escolha pela matemática. C.P. tinha muita dificuldade nesta área. Fazia parte, do início ao final do ano, das aulas de apoio. As notas eram sempre na média. Isto demonstra que apesar das dificuldades escolares, pode-se buscar uma determinada profissão, mesmo tendo tido limitações. Acredito que a maturidade vai auxiliando e mostrando que com tranquilidade (visto que é característico dela) podemos romper estigmas.

C.P. será referenciada como **Ametista** por indicar paz e espiritualidade. É a pedra de maior eficácia na meditação. Transmite paz, espiritualidade, elimina o estresse e inspira a cura e intuição. Bem de acordo com as características da graduanda.



Figura 7 - Imagem da Ametista.

Sonhar em ver estes alunos fazendo o estágio da sua graduação no Meneghetti é inevitável. Após conhecer um pouco de cada estudante, será descrito o

que cada um viveu, vive e pensa sobre o bairro em que residem, sobre o percurso do ensino fundamental até os dias atuais e quais suas aspirações em relação ao seu futuro.

4.2 Análise das Entrevistas

As entrevistas ajudaram a entender o processo escolar desses alunos e alunas, sobre sua história de vida. “A história é busca, portanto, escolha. Seu objeto não é o passado. A própria noção, segundo a qual o passado enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda. Seu objeto é o “homem”, ou melhor, “os homens”, e mais precisamente “homens no tempo” (Bloch, 2002, p. 24). No momento em que conhecemos a história destes homens do tempo, passamos à compreensão de modos de agir no nosso cotidiano.

Neste estudo, os ‘homens do tempo’ são os alunos que participaram deste trabalho, fornecendo informações que me possibilitaram reconhecer hábitos e atitudes até então desconhecidos na prática educativa atual. “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso que incessantemente se transforma e aperfeiçoa” (BLOCH, 2002, p. 75).

Convicta, também, que as histórias passadas não voltam mais. Elas serão relances de memória contados por personagens que viveram determinada situação, sob seu ponto de vista. Cada aluno falou do que mais lhe marcou, das melhores e piores experiências pelas quais passou. Cada um tem o seu caminho, a sua história, apenas duas partes de sua trajetória coincidem: todos fizeram o ensino fundamental na Escola Mário Meneghetti (de 5ª a 8ª séries) e todos cursam Licenciatura Plena em Matemática na UFPEL.

Emprego como aporte teórico a teoria bioecológica do desenvolvimento humano, de Bronfenbrenner, onde os estudos pesquisados utilizam-se de entrevistas abertas, ou como Manzini denomina (1990/1991) de entrevista não estruturada. Bronfenbrenner (2011), ao longo de sua obra, mencionou pesquisas às quais desenvolveu que podiam ter sido aprofundadas e questionou formas que poderiam futuramente serem exploradas, e não o foram, no momento de sua realização. Mas não reforçou nenhum modelo de metodologia, apenas questionou as experiências realizadas em laboratórios, devido a sua credibilidade.

Assim sendo, por não encontrar dados que neguem a aplicabilidade da entrevista semiestruturada na teoria de Bronfenbrenner, utilizei-a como forma de atingir os objetivos traçados nos eixos da pesquisa, pois pelo fato de ser uma teoria relativamente nova, não está definido um método específico para trabalhar com esta.

As entrevistas foram gravadas para garantir a fidedignidade da fala dos entrevistados. Posteriormente, foram decodificadas e realizadas as análises, verificando-se as ideias comuns e diferentes que foram mencionadas, para tanto utilizou-se o modelo de Alves e Da Silva (1992).

Como Cristal Rutilado trabalha de dia e estuda à noite, sua entrevista foi realizada no centro de Pelotas, à noite, em um lugar tranquilo, degustando um chá. As demais entrevistas ocorreram na Escola Mário Meneghetti, em dias diferenciados, pois ficou de melhor acesso aos graduandos. Para tal, adotei as guias propostas por Alves e Da Silva (1992).

Segundo Alves e Da Silva (1992, p.65) o pesquisador possui três guias mestras que são: 1) seu problema de pesquisa: o que quer saber; 2) as formulações da abordagem conceitual que adota: gerando interpretações possíveis para os dados e 3) a própria realidade sob o estudo: exige um “espaço” para mostrar as evidências e consistências.

Para as autoras (1992, p.65)

o momento de sistematização é um movimento constante em várias direções: das questões para a realidade, desta para a abordagem conceitual, da literatura para os dados, se repetindo e entrecruzando até que a análise atinja pontos de “desenho significativo de um quadro”, multifacetado sim, mas passível de visões compreensíveis (ALVES E DA SILVA, 1992).

Na sequência do texto, serão apresentados os pontos em comuns e distintos encontrados nas falas dos graduandos entrevistados. Serão mencionados os encontros e desencontros em seus diálogos. Por último, as contribuições teóricas de autores como Lahire, Bronfenbrenner, Charlot, Abramovay entre outros, para a ligação entre a teoria e as ideias dos acadêmicos, entrecruzando-se, como sugere Alves e Da Silva (1992).

4.3 Com a Palavra: os acadêmicos de matemática

O primeiro eixo contemplado nessa pesquisa foi o Bairro Getúlio Vargas. Todos os graduandos mencionam que o fato de residirem em um bairro o qual concordam ser violento, embora nenhum dos quatro tenham sofrido algum tipo de violência (como assalto, brigas, ameaças), todos alegam que isso não influenciou em sua trajetória escolar e universitária. Segundo o relato dos estudantes, foram pessoas ligadas à sua família ou determinação própria que os fizeram estar na universidade. Como diz Quartzo Sodalítico

“[...] qualquer bairro, pode ser violento, pode ser um bairro calmo, isso não vai influenciar de modo que vai impedir uma pessoa de fazer o que ela queira. Uma pessoa vai chegar onde ela quer por mérito dela, não por causa do bairro”.

Observando o bairro atualmente, apenas Ametista percebe o local mais perigoso que na época em que estudava na escola. Conforme a mesma,

“[...] é mais perigoso [...] Porque tem sempre homicídios, essas coisas assim”.

Os demais consideram que a violência diminuiu, consideravelmente, desde suas passagens pela escola até agora. Como reforça Ágata Dentrita

“[...] eu acredito que em si o bairro tenha melhorado, ele não é tão violento como era antes. Antigamente ele era bem perigo mesmo”.

Quanto ao futuro dos adolescentes que residem no bairro, as opiniões são bem distintas. Dois graduandos consideram as expectativas futuras dos jovens do bairro piores ou precárias, se comparadas à época em que estudavam na escola:

“[...] é o que eu vejo que todo mundo vai ser (pausa) expectativa zero” (CR)
 e *“[...] parece, pra mim, que tem mais desinteresse. Não só por parte das pessoas que estão ensinando mas também por parte dos alunos. Hoje em dia ninguém mais tem interesse por nada” (AD).*

Quartzo Sodalítico possui uma visão mais pessoal. Ele acredita que

“[...] isso depende de cada pessoa e como eu disse o local não influencia no que a pessoa vai ser”.

A única pessoa que possui uma visão positiva em relação ao futuro promissor dos adolescentes do BGV é Ametista. Ela ressalta que existem muitos jovens que estão no mundo do crime, mas observa em seu irmão (mais novo) e nos

amigos do mesmo, uma grande vontade de fazer testes para futebol, continuar os estudos e trabalhar.

O segundo eixo analisado nas entrevistas é a Escola Mário Meneghetti. Com exceção de Quartzo Sodalítico, todos os alunos colocaram os docentes como sendo a parte mais importante em suas vidas escolares. Cada um à sua maneira. Ágata Dentrita ressalta que foi na escola, com o auxílio dos seus professores que aprendeu a perder a timidez e falar em público. Hoje recebe elogios no trabalho por conta disso e sempre fala aos colegas de serviço que foi no Meneghetti e com ajuda dos docentes que aprendeu a ser desinibido. Cristal Rutilado menciona que gostava de todos seus professores, embora

“[...] tem professores que são aqueles da moda antiga, que vão fazer sempre a mesma coisa”.

Quartzo Sodalítico redobra a atenção para a forte base que a escola lhe transmitiu. Ressalta que ao chegar no ensino técnico, muitos colegas não tinham bagagem cognitiva que lhes auxiliasse no aprendizado dos novos conteúdos, enquanto ele sabia tudo. Além disso, também menciona que não precisou de cursos auxiliares para fazer a prova do processo seletivo, pois o que aprendeu no Meneghetti foi o suficiente para sua aprovação. E Ametista relembra que a motivação que os docentes davam para os alunos prosseguirem seus estudos é o que mais mostra a importância da escola em sua vida.

Em relação aos aspectos positivos e negativos da escola, cada discente demonstrou um comportamento diferenciado em suas respostas. Cristal Rutilado faz uma séria crítica a alguns professores, dizendo ter sido autodidata em algumas disciplinas. Pois segundo ela

“[...] mas aí é questão que (pausa) alguns professores são mais esforçados e outros seguem o que a escola dá”.

Ela ainda considera que a falha da escola é a falta de estrutura adequada para o bom funcionamento da mesma, como salas de aula novas, melhorias na quadra de esporte e nos pátios do entorno do educandário. Quartzo Sodalítico e Ágata Dentrita relatam que não consideram nada de negativo na escola. O segundo reforça as oportunidades de projetos que a mesma disponibilizava para os alunos. E Ametista, saudosa, menciona

“[...] os jogos, as inter-séries (risadas). Sinto saudades. Eu tenho as fotos lá (em casa), eu olho às vezes [...] sinto saudades mesmo”.

A escola influenciou na escolha da profissão, de ser docente, apenas para dois alunos: Cristal Rutilado e Quartzo Sodalítico. A primeira afirma que o fato de sempre entender matemática e o vínculo positivo com seus professores, foram o que a levaram a escolher esta licenciatura. O segundo menciona, novamente, que como a base dada pela escola era forte, desde os onze ou doze anos já ministrava aulas particulares para colegas, isso o fez almejar ser professor de matemática. Ametista ressalta que tinha muita dificuldade nesta matéria e que foi no ensino médio que começou a entender e gostar. Ágata Dentrita escolheu o curso por segunda opção, visto que não atingiu pontuação suficiente para ingressar na engenharia. Como sua irmã já cursava matemática e ele não tinha muita dificuldade na disciplina, optou por cursá-la.

O terceiro eixo investiga a trajetória dos acadêmicos ao saírem do Meneghetti (ensino fundamental) e sua chegada no ensino médio/técnico. Com exceção de Quartzo Sodalítico, todos fizeram o ensino médio na Escola Estadual Amílcar Gigante, situada no bairro Pestano, próximo ao bairro Getúlio Vargas. É a escola de ensino médio mais próxima às suas residências. Quartzo Sodalítico fez prova de seleção (conforme já mencionado, sem cursos auxiliares, apenas com a base do Meneghetti) e ingressou no ensino técnico integrado no Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (IF-CAVG). Ele cursou Agroindústria juntamente com o ensino médio.

Quanto ao ingresso no curso de Licenciatura em Matemática da UFPEL, cada um tem a sua história que compõe o quarto eixo. Cristal Rutilado estudava pela manhã e, no final do ensino médio, trabalhava à tarde. À noite fazia um curso preparatório para as provas do ENEM, o qual sua irmã (mais velha) pagou e não quis fazer, repassando a vaga para ela. Como a própria diz

“[...] e aí como eu gostava de estudar, eu fiz”.

Ela fez o ENEM e ingressou direto na licenciatura, sem optar por cotas, pois conforme a mesma

“[...] não concordo, então não utilizei. Apesar de achar que a social faz sentido, a racial não. A social faz sentido”.

Quartzo Sodalítico fez o ENEM e as três provas do PAVE, ingressando direto na graduação sem optar por cotas.

Ágata Dentrita fez o curso preparatório Desafio¹⁶ durante o terceiro ano do ensino médio. Fez o ENEM mas sua média foi baixa para o curso de engenharia que era sua escolha inicial. Logo, procurou entre outros cursos um que tivesse mais afinidade e que sua média do ENEM possibilitasse o ingresso. Matemática foi sua opção e ingressou sem o pedido de cotas. Ele ingressou por intermédio de chamada oral e segundo seu relato

“[...] foram chamados muitos alunos. Eram 26 vagas e eu era o número 39 e foi chamado bem mais gente. Foram chamadas setenta e poucos e sobrou vaga ainda”.

Ametista foi a única que entrou com pedido de cotas e que, segundo seu relato, fez duas vezes as provas do ENEM. Ao finalizar o terceiro ano fez o exame e conseguiu nota para engenharia civil, mas conforme ela

“[...] mas aí eu perdi as datas de chamada da engenharia”.

No ano seguinte, fez o curso Desafio, realizou a avaliação novamente e conseguiu ingressar em Matemática

“[...] usando cotas e na chamada oral. Eram cinco concorrendo à vaga e ninguém foi. Só eu que fui”.

Sobre a chegada no curso de Licenciatura em Matemática, todos demonstram a mesma ideia: foi um choque! Fiquei assustada! Foi estranho! Todos sentiram a diferença entre estar na escola, seja ensino fundamental ou médio, e estar na faculdade. O contato com pessoas de várias idades, de locais diferentes (desde bairros diversificados, de outras cidades ou estados, de culturas diferenciadas) de certa forma desestabilizou e apavorou os acadêmicos.

Em relação às dificuldades encontradas, todos demonstraram medo em relação às reprovações e à complexidade encontrada no conteúdo das disciplinas. Ametista ainda evidenciou preocupação em não conseguir fazer laços de amizade e Ágata Dentrita preocupou-se quanto ao pagamento das passagens dos ônibus, que na época não era gratuito e ele dependia de duas passagens urbanas mais duas de acesso ao Campus do Capão do Leão¹⁷. Cristal Rutilado sintetiza de forma clara o pensamento dos colegas.

¹⁶ Desafio é um curso preparatório da UFPEL para alunos de baixa renda, que prepara os alunos para as provas de seleção para ingresso na universidade. Geralmente as aulas são ministradas por alunos dos cursos de licenciatura da UFPEL.

¹⁷ As aulas do curso de Licenciatura em Matemática são ministradas em vários locais em Pelotas. A maioria delas concentra-se no prédio da Matemática que localizam-se no município do Capão do

“[...] no primeiro semestre eu tomei um tufo tão grande porque no ensino médio a gente não tá acostumado a estudar, presta atenção na hora da explicação e deu. É básico. E na faculdade não é assim. Se tu não estudar, não passa”.

Os quatro graduandos mencionam que o que mais gostam no curso de Licenciatura em Matemática são as cadeiras da educação. Inclusive Cristal Rutilado afirma que

“[...] eu entrei por causa das exatas. Eu fiquei por causa das cadeiras da educação”. Até Quartzo Sodalítico demonstrou preferência pelas matérias da educação mesmo salientando que

“[...] eu gosto muito de qualquer coisa que envolva o raciocínio lógico, que sempre foi o que eu sempre gostei de fazer. Então pode ser cálculo, álgebra linear. Pode ser qualquer coisa que envolva isso eu vou gostar”.

Quando questionados o porquê da escolha pela Matemática, os posicionamentos foram bem diferenciados. Ametista e Ágata Dentrita foram pela afinidade e média no ENEM que possibilitaram a chegada até esta licenciatura. Ágata Dentrita salienta que

“[...] no começo foi por que eu tinha mais afinidade, era aquilo que desde pequeno eu conseguia desenvolver mais e mais. E hoje, eu considero a matemática uma coisa boa que me possibilita sobressair em algumas coisas, eu me destaco por causa da matemática”.

Já Quartzo Sodalítico e Cristal Rutilado sempre tiveram facilidade na disciplina e desde cedo começaram a dar aulas para seus colegas e amigos, devido a fácil compreensão que tinham da matéria e à destreza no saber explicar. Como a própria Cristal Rutilado menciona

“[...] no ensino médio eu tinha um professor que não era tão bom assim, pra explicar. Era um ótimo professor, como pessoa ele era dez. Ele sabia muito! Só que é complicado um bacharel dá aula pra um ensino médio sendo que ele não (pausa) ele achava bobagem licenciatura”.

Visando o futuro, todos pensam em concluir o curso de Matemática e seguir carreira na área, por intermédio de pós-graduação na área da educação (nenhum estudante deseja especializar-se na área de matemática pura) e lecionando em sala de aula, no ensino fundamental ou médio. A única que está em dúvida quanto ao

seguimento do curso é Ametista. Como ela reprovou duas vezes em Cálculo I, teme atrasar muito seu percurso na licenciatura. Seus pais ofertaram-lhe auxílio para pagar um curso de licenciatura, que seja mais fácil e que não lhe prejudique em termos de muito tempo na graduação. Ela demonstra dúvida entre seguir cursando matemática ou trocar o atual curso por educação física.

Finalizando, o quinto e último eixo questionado é sobre a importância da família em todo o processo escolar-universitário dos mesmos. Todos, exceto Quartzo Sodalítico, tiveram auxílio de seus pais durante sua trajetória na escola. Os responsáveis auxiliavam seus filhos nas atividades escolares e esforçavam-se para adquirir jogos e materiais de apoio para ajudar no aprendizado dos mesmos. Além disso, davam apoio psicológico e os motivavam sempre em busca de novos caminhos. Conforme o conteúdo das entrevistas, nenhum responsável chegou a concluir o ensino fundamental, o que dificultou o auxílio aos acadêmicos nos anos escolares mais avançados. Quartzo Sodalítico foi o único a mencionar que

“[...] eles nunca precisaram muito me ajudar [...] E eu nunca tive tanta dificuldade a ponto de ter de pedir ajuda pra eles. Eu sempre gostei muito de me virar sozinho em relação a essas coisas. Eu sempre tive isso. Então, eu não tive muita dificuldade, não tive de pedir ajuda pra eles”.

Quanto ao apoio recebido pela família, na escolha do curso de graduação, as opiniões e reações dos pais foram bem diferenciadas. Com exceção de Quartzo Sodalítico, todos receberam apoio dos familiares para o ingresso na faculdade. A única família que não acreditava no potencial do filho e na possibilidade de vê-lo na graduação era a de Quartzo Sodalítico, conforme seus responsáveis

“[...] faculdade é pra gente rica, faculdade tu não vai conseguir fazer. [...] mas tu não vai conseguir fazer, não vai fazer... Aí foi que essa ação negativa deles teve um resultado positivo em mim. Eu tive que mostrar pra eles mesmo e pra mim mesmo que eu vou conseguir”.

Cristal Rutilado obteve apoio da família para ingressar na faculdade, mas seu pai foi contrário à escolha pela matemática devido aos baixos salários que o professor recebe. A situação só foi resolvida quando a irmã (mais velha e que cursava administração) conversou com o pai e argumentou

“[...] ela faz o que ela gosta e não o que tu quer”.

Isso auxiliou Ágata Dentrita, que fez a mesma escolha da irmã, e obteve total apoio na sua escolha. Ametista sempre teve e continua tendo incentivo total

dos familiares. Sua mãe a incentiva a trocar de curso ou permanecer no mesmo, já seu pai gostaria que ela trocasse de licenciatura.

Quanto às orientações futuras, todos os responsáveis recomendam que seus filhos concluam a graduação. Sendo que Ametista tem a possibilidade e apoio para trocar de curso caso decida. Já Cristal Rutilado é enfática

“[...] eles não me orientam a nada. Por que de todos eu sempre fui aquela mais certinha, que estuda. Meu pai costuma dizer é mais responsável do que eu. Ela sabe o que ela quer. Mas eu me oriento a continuar, a fazer mestrado, assim como tu tá fazendo, sabe? Dar uma sequência”.

Ao concluir o ciclo das questões, perguntou-se aos graduandos se eles tivessem a oportunidade de dar uma aula no Meneghetti, para uma turma qualquer, o que diriam aos alunos. As respostas foram bem diversificadas, mas no geral, a partir de suas experiências procurariam estimular os discentes que hoje ocupam seus lugares do passado. As respostas ficarão registradas como forma de reflexão sobre a capacidade que o ser humano tem de se colocar no lugar do outro. Os acadêmicos tiveram a chance de, talvez, dizer algo que gostariam de ter escutado e não tiveram a oportunidade, se foi o caso.

Ágata Dentrita diria que *“[...] tive tanta dificuldade e eu sei que vocês também têm, mas a gente pode, a gente consegue. [...] Vocês tem potencial para isso! Não é por que moram no Getúlio Vargas, que estudam numa escola pública... Não. Por que eu estudei numa escola pública passei minha vida inteira no Getúlio Vargas”.* Ametista argumenta que incentivaria os estudantes a seguir e a continuar estudando, além de motivá-los a fazer matemática. Quartzó Sodalítico insistiria que não é o meio onde se vive que impede de se fazer o que se quer e, sim, a vontade interna de cada um.

Conforme Cristal Rutilado *“[...] Difícil (pausa). Não diria para eles estudar porque eles não vão estudar. A maior parte das pessoas não quer estudar. Eu diria para eles (pausa) observarem mais a situação que eles estão e ver se é aquilo que eles querem, se aquilo tá bom. [...] Pra mim não tava por isso que eu corri atrás. Se eu posso mais, eu vou ir atrás. Pra eles acreditar que não é porque eu sou negra, que eu não posso, que eu sou menos capaz. Não é o meio que tu vive que tá te condicionando, não é por que eu sou pobre que eu tenho que roubar. Diria para eles terem esperança e expectativa de algo melhor”.*

5 Discussão

É possível visualizar nas falas dos graduandos em matemática muitas ideias defendidas e problematizadas por autores como Abramovay, Lahire, Charlot, Bronfenbrenner e outros que me inspiram a desenvolver esta pesquisa. Como Lahire (2014/2015) salienta “tudo vem do ambiente social, dos obstáculos aos sucessos. Um estudante não consegue sair sozinho de suas dificuldades de aprendizagem, as influências externas são fundamentais - seja o apoio de um familiar, de um amigo estudioso, ou de professores competentes”. Isso é fundamental para atingir o objetivo de chegar à Universidade.

Percebe-se que todos estes estudantes compreenderam e cumpriram com o pensamento de Postic (1995) onde “aprender a querer, a empenhar-se em diferentes tarefas, a fazer um esforço para ir até ao fim, eis o que o adolescente de hoje precisa dominar” (p. 83). O empenhar-se, de acordo com o autor, não parou para esses alunos, pois a distância do bairro Getúlio Vargas até o centro é de cinquenta minutos de ônibus e as aulas da Licenciatura expandem-se por vários locais da cidade, gerando um gasto significativo com transporte, alimentação e material didático.

Como mencionou Lahire (1997, p. 349), “a consciência de qualquer ser social só se forma e adquire existência através das múltiplas relações que ele estabelece, no mundo, com o outro”. A coexistência entre estes dois mundos que considero profundamente diferentes (a vivência/convivência no bairro Getúlio e a experiência universitária), certamente, são fatores fundamentais para a mudança de comportamento e de atitudes destes discentes.

Salientando-se que os dois mundos mencionados, o bairro Getúlio Vargas e a Universidade, são microsistemas nos quais os acadêmicos atuam de forma direta estabelecendo suas relações. A partir de suas vivências nesses ambientes

ecológicos, os estudantes elaboram conceitos e características referentes ao local em que convivem.

Todos os acadêmicos confirmam reconhecer que há violência no bairro onde cursaram seu ensino fundamental e onde residem. Porém, afirmam nunca terem visto ou sido vítimas de algum tipo de ato violento. E vão mais além. Não admitem utilizar as características do meio em que vivem como desculpa para não prosseguirem seus estudos e a busca por um futuro melhor. Também não mencionam nenhuma situação de violência que envolva a escola Meneghetti. O que vem ao encontro de Charlot (2002, p. 439-440) ao mencionar que “quando o próprio bairro é presa da violência, é maior a probabilidade de que a escola seja atingida por essa violência. Todavia, é apenas uma probabilidade, e é necessário desconfiar dos raciocínios demasiados automáticos: assim, encontram-se escolas onde há pouca violência, nos bairros que são violentos”.

Os acadêmicos negam a possibilidade das características do bairro interferirem na sequência dos planos daquelas pessoas que tem um objetivo a ser atingido. Eles depositam em seus familiares, principalmente, o motivo e estímulo para terem chego onde estão. Embora de maneira contraditória, como mencionou Quartzó Sodalítico, onde mostrou aos seus familiares que conseguiria chegar à faculdade, mesmo que todos duvidassem disso.

Percebe-se a importância do microssistema “família” e de suas díades no desenvolvimento do indivíduo. As díades entre os graduandos e seus familiares foram imprescindíveis para a chegada na graduação. Por intermédio das relações vivenciadas entre eles, no ambiente familiar, os estudantes tiveram apoio, exemplo a ser seguido e força de vontade para seguir em busca de seus sonhos.

Nota-se que definir o que seria fracasso escolar não é uma tarefa simples, nem que converge para uma mesma ideia. O seguinte exemplo pode ilustrar essa dificuldade: em uma determinada família o pai é despachante. Orienta seu filho para que siga sua profissão, visto que ganha razoavelmente bem. Seguindo estes rumos, o pai diz ao filho que conclua o ensino médio e que não precisa cursar o superior, visto que há muitos graduados desempregados ou ganhando menos que ele. Então, fica o questionamento. Qual seria a definição de fracasso ou sucesso escolar para esta família? E mais. Quantas pessoas com apenas ensino médio ou técnico que estão no mercado de trabalho recebendo valores mais altos do que muitos

graduados e pós-graduados? Valerá a pena estudar tanto, investir sonhos e dinheiro num curso superior? São questionamentos que permeiam o dia a dia da escola.

Pode-se considerar como fracasso escolar quando as crianças e adolescentes abandonam a escola. Sabe-se que alguns possuem dificuldades de aprendizagem, que precisam de um auxílio a mais, de mais reforço para compreender determinados conteúdos e conceitos e por essas razões abandonam, porém outros têm atitude diferente diante das dificuldades, já tive vários alunos que reprovaram uma vez e recomeçaram com mais fôlego, mais maturidade e com vontade de vencer os obstáculos a serem ultrapassados.

O aluno que consegue cursar todos os níveis escolares já é sucesso, é aquele que não deixa as dificuldades que encontra em seu caminho atrapalharem seu sonho. São estudantes que não se permitem apenas ganharem financeiramente bem, e sim os que compreendem que riqueza não provém apenas de dinheiro, mas também de conhecimento, de cultura, de aprendizado e de convivência com grupos que levem ao diálogo, à reflexão e à mudança de comportamento com maturidade. Para tanto, é necessário que a caminhada do aprendizado tenha sequência, não acabe.

Charlot (2006), em uma entrevista, deixa bem claro que não há relação direta entre fracasso escolar e classe social. Também, menciona que “a demanda familiar funciona, então, como motivo principal da mobilização e assegura a continuidade no tempo, às vezes, apesar das vicissitudes da história escolar” (CHARLOT, 1996, p. 56). Ainda ratifica que “mais do que com os pais, a mobilização escolar, às vezes, tem a ver com a irmã maior que pode ter fracassado nos estudos e por isso põe os menores em guarda em relação ao que pode acontecer se eles não estudarem” (CHARLOT, 1996, p. 57). O que corrobora com a situação de Cristal Rutilado que se espelha na irmã mais velha (que é um sucesso nos estudos e não um fracasso), que estava concluindo a faculdade de Administração e, de certa forma, ocorre com Ágata Dentrita em se espelhar nas duas irmãs mais velhas e dar continuidade na sua graduação.

Lahire (2014/2015) menciona em uma entrevista que “um estudante não consegue sair sozinho de suas dificuldades de aprendizagem, as influências externas são fundamentais - seja o apoio de um familiar, de um amigo estudioso ou de professores competentes”. Nogueira (2013, p. 21) vem a acrescentar “[...] e de poder contar com as facilidades de um ambiente familiar silencioso e tranquilo, ou

seja, propício aos estudos”. Como a própria Cristal Rutilado falou seus familiares, em dia de prova, faziam silêncio absoluto na casa para não atrapalhar os estudos dela e de seus irmãos.

Bronfenbrenner (2011, p. 30) ressalta que “estudiosos mostram como o acompanhamento parental, por exemplo, dependendo de suas variações sistemáticas nos componentes do modelo bioecológico, pode funcionar a favor ou contra os melhores interesses da criança”. Com a companhia e apoio da família, torna-se mais fácil ir em busca de seus ideais. Como Ametista ressalta, tem total incentivo de seus familiares, ou para prosseguir na atual licenciatura, ou para trocar de curso. Para Lahire (2014/2015) a família tem esse poder de dar as ferramentas do sucesso.

Outro importante elemento citado pelos estudantes para o prosseguimento nos estudos foram seus professores. Para alguns, o professor foi citado como exemplo para a escolha do curso de Matemática, devido à empatia que tinham com o mesmo e pela influência positiva das díades que estabeleciam. Também, alguns acadêmicos ressaltaram que observaram características de outros docentes com os quais conviveram no microssistema chamado escola, às quais não almejavam possuir. Por exemplo, Cristal Rutilado disse ter tido um professor de matemática, no ensino médio, que era uma pessoa sensacional, mas que deixava a desejar enquanto profissional, pois o mesmo se considerava bacharel e renegava a licenciatura. O que segundo a graduanda é incoerente, devido à importância dos ensinamentos da licenciatura.

Santos (2009, p. 115) ressalta que “se deparou diversas vezes na escola com a “resistência dos professores em mudar a postura, o ambiente, a comunicação, a relação e vinculação com os educandos, porque acreditam que não funciona, que já “tentaram” em outros momentos e não conseguiram ‘nada’”. Bezerra (2004, p. 10), em sua pesquisa, fez a seguinte pergunta aos seus 40 entrevistados “Algum professor lhe marcou?; 90% dos entrevistados afirmam que houve professores que foram marcantes durante o transcurso de sua trajetória escolar, enquanto que 10% dizem que não”.

Segundo Lahire (2014/2015), os professores têm a responsabilidade de fornecer competências de instrução - aquisição do conhecimento - e de Educação - disciplina do saber e da vida. Os dois elementos são inseparáveis. Eles devem aceitar que, ao ensinar, estão necessariamente transmitindo os dois aos alunos.

Assim sendo, os docentes serão bem-sucedidos em seu trabalho e poderão torná-lo mais agradável se perceberem que o seu papel é o de educar e instruir ao mesmo tempo.

Outro tema discutido por Lahire (2014/2015) é o fato de bons professores irem lecionar nas ditas piores escolas. Para o autor é dever e responsabilidade do Estado oferecer escolas públicas de excelência educacional. Cabe ao governo levar bons professores às escolas de periferia, oferecendo bons salários, equipamentos e treinamentos. E cabe aos professores entender a importância social que fazem ao priorizar na sua carreira o setor público.

Para finalizar, um dos mais importantes elementos citados pelos alunos em suas entrevistas, é a relação como a mãe. Os acadêmicos relatam a importância da escola, dos familiares, dos professores, mas em todas as falas são sempre visíveis o quanto a estrutura da figura materna, seu apoio, sua companhia, seus conselhos e esforços desmedidos são indispensáveis enquanto base e segurança para os estudantes batalharem para conquistarem a chegada à universidade.

Corroborando, Zago (2000, p. 6) relata o estudo de Portes (1993) cujo objetivo era compreender trajetórias escolares de 37 estudantes universitários de origem popular, assim como as estratégias empreendidas pelas famílias e pelos filhos para viabilizar um nível de escolarização não-comum a este meio social: o ensino superior na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Zago descreve que Portes identificou um certo número de estratégias empreendidas pelas mães, entre elas, a atenção voltada para a vigilância e valorização do que é escolar, contatos com a escola e mudança de estabelecimento em busca de outro considerado mais favorável; conselhos e atitudes vigilantes de ordem moral, sobretudo no sentido de preservar os filhos das más influências, entre outras práticas que indicam um investimento voltado para o rendimento escolar.

Se observarmos o conteúdo das entrevistas dos acadêmicos, perceberemos que muitos destacaram a importância do apoio familiar recebido para ingressarem no ensino superior, a base forte dada pela escola (principalmente no ensino fundamental) e a força de vontade em prosseguir, em continuar os estudos. O que vem corroborar com parte dos resultados encontrados por Carvalho (2010).

Cabe destacar que os acadêmicos citaram e discorreram sobre alguns desses fatores, que conforme Carvalho (2010) contribuem para o sucesso escolar. Lahire (1997) acrescenta que “esses múltiplos elementos não se somam uns aos

outros, mas se combinam para criar a realidade” (p. 287). Na verdade, para que um aluno venha a ter sucesso escolar, todos os fatores devem atuar em conjunto. Eles não são determinantes, pois, mesmo estando presentes na vida de uma pessoa, não são garantia de sucesso.

Um fator levantado por Carvalho (2010) como subsídio para o sucesso escolar é a força de vontade dos alunos. É perceptível essa característica nos graduandos, principalmente, na entrevista de um dos alunos que mostrou aos pais e a si mesmo o seu potencial de ingressar na universidade, além disso, demonstrou ser autônomo na resolução dos obstáculos que surgiam em seu caminho.

Logo, é possível visualizar achados nos relatos dos acadêmicos que vêm ao encontro às ideias defendidas pelos autores utilizados nesta obra. Percebe-se que há outros trabalhos que contemplam teorias, exemplos e ações análogos ao estudo em vigor.

6 Conclusões

É inevitável não descrever o quanto a escrita desta dissertação me deixou feliz, por vários motivos. Primeiramente, pelo fato de ter ex-alunos que escolheram para seu destino seguir minha profissão. Em saber que apesar dos percalços que aparecem na nossa trajetória de vida, eles não se intimidaram e propuseram-se a ultrapassar cada obstáculo encontrado.

Em segundo, por perceber o quanto a Escola Mário Meneghetti fez a diferença na vida destes acadêmicos. A escola pública é tão criticada e marginalizada pela imprensa e por muitas pessoas que não depositam mais nela a capacidade de formar cidadãos dignos de encarar os processos seletivos como concursos e vestibulares e constituir pessoas aptas a compreender as diversas situações que as cerca. Segundo nossos alunos, ela foi fundamental na base teórica que os sustentou nos estudos futuros e ajudou, principalmente, os mais tímidos, a criarem técnicas de desinibição para auxiliá-los na busca de um emprego e de padrão de vida melhor.

Reencontrar estes alunos e visualizar o quanto mudaram na forma de se expressar, de agir, de vestir e alguns em termos financeiros, foi muito importante para conseguir afirmar para minha pessoa, o quanto valeu e vale a pena estar há mais de uma década lecionando no Menega. Quando vi Cristal Rutilado com ar empresarial, Quartzo Sodalítico impondo e justificando suas ideias com firmeza de quase professor, foi muito legal. Sem dizer, Ametista, que quase não falava em aula, pois era muito tímida e agora já tem até a “galera” da faculdade. E, para fechar com chave de ouro, o último deles que entrevistei, Ágata Dentrita, que chegou em uma moto amarela (parecia um quindim de tão amarela) todo orgulhoso que havia comprado-a com o dinheiro do seu emprego.

Acredito que um dos fatores que tenham contribuído para a base teórica forte que tiveram foi o fato do grupo de professores ser bem coeso e fixo. É difícil um professor desejar trabalhar no Meneghetti, de imediato, devido às características do bairro. Mas, dificilmente quem vai para lá quer sair. Grande parte do corpo docente tem mais de cinco anos “de casa”. Sem contar os que lá estão desde que a escola começou suas atividades. Portanto, isso favorece nosso trabalho e o respeito frente à comunidade. Sabe-se que até os alunos que evadiram da escola e passaram para o mundo do crime, respeitam os mestres que tiveram. Sem mencionar as situações em que nos encontramos e damos aquela “puxada de orelha” nos mesmos.

A partir dos relatos dos acadêmicos em matemática, foi possível concluir alguns dados, tendo em vista os eixos das entrevistas. Primeiramente, percebe-se que o fato de residirem em um bairro periférico e que possui como principal característica a violência que o circunda, não é empecilho que favoreça o fracasso na escola, a falta de oportunidade de ingressar em uma universidade e nem a opção por continuar seus estudos.

Nota-se que a violência no bairro não foi motivo para que houvesse desistência no prosseguimento da escolarização. Praticamente, todos os estudantes salientaram que o bairro não influenciou em nenhuma de suas escolhas, o que interferiu foram os exemplos de pessoas da família e de professores que tiveram em sua jornada de estudos.

Inclusive, ao considerar a violência dentro das dependências escolares, confio no diálogo com alunos e seus familiares como suporte de resolução de problemas. É o que viemos fazendo ao longo destes dez anos de trabalho no Menega. Observando a realidade de nosso bairro e a forma como a violência se faz distante da mesma, creio que está dando certo esta parceria. É de praxe mostrar aos alunos (principalmente aos novatos) as regras da escola, pois conforme Marco Rolim mencionou no 12º Encontro do Poder Escolar, a escola precisa ter regras. As normas da escola estão documentadas, são bem claras e deixam bem visível os direitos/deveres dos professores, alunos e funcionários. Como podemos afirmar que a juventude não respeita as regras, se não existem regras impressas, no balcão da escola? E acredito, mesmo ainda tendo falhas, que esses preceitos são um dos fatores que despertam o respeito e consideração pela escola e seus pertences.

A escola Mário Meneghetti foi mencionada com muito carinho e respeito pelos acadêmicos. Na maioria das falas, foi possível perceber que a base de conteúdos ministrada pelos professores favoreceu a continuidade dos estudos e facilitou a vida dos estudantes no ensino médio/técnico. Os docentes foram mencionados em um misto de saudade e respeito. Mas mesmo assim, Cristal Rutilado criticou a metodologia tradicional utilizada por alguns, que conforme mencionou, ministrarão a mesma aula, toda vida.

Outro fato recordado pelos alunos foram os projetos oferecidos pela escola que lhes auxiliaram em termos de aprendizagem, desinibição, na oratória e no reforço do aprendizado de atividades. Por outro lado, a estrutura física da escola foi mencionada por ser considerada precária. A falta de salas de aula, o pátio que em dias de chuva alaga e torna-se intransitável, foi lembrado pelos discentes, bem como a quadra de esportes que possui telhado mas não é fechada.

Ao saírem da escola, todos os graduandos foram fazer seu ensino médio/técnico nas proximidades do bairro em que residem. Três foram para a escola Amílcar Gigante no bairro Pestano e um deles para o CAVG, que fica na entrada do bairro Arco Íris. Ambos são lugares próximos ao BGV, onde é possível ir à pé para estudar, o que diminui gastos com transporte coletivo para os responsáveis.

Com exceção de Quartzó Sodalítico, todos fizeram cursinhos preparatórios para fazer as provas do ENEM. O sistema de cotas foi utilizado apenas por uma das estudantes, pela Ametista. Mas nota-se que apenas Cristal Rutilado e Quartzó Sodalítico ingressaram na matemática por escolha do curso e de forma direta. Ágata Dentrita e Ametista fizeram ENEM para outro curso, mas não obtiveram média suficiente, logo por chamada oral optaram por esta licenciatura, por terem mais afinidade com a mesma. Sendo que Ametista, durante o ensino fundamental, sempre apresentou muita dificuldade no seu entendimento, foi no ensino médio que começou a encontrar facilidade na mesma.

Todos, ao chegarem no curso de Licenciatura em Matemática, demonstraram pavor e insegurança. As inúmeras mudanças entre as escolas de ensino fundamental e médio/técnico e entre a faculdade assustaram os estudantes no começo. O motivo de tanta estranheza ocorre por vários motivos como a diversidade de pessoas que estudam, oriundas de lugares variados. Os locais das aulas são diversificados e em lugares variados, espalhados por Pelotas. A maneira como ocorrem as avaliações e a metodologia adotada pela maioria dos doutores e

mestres em matemática assusta, sendo bem distinta das que eram habituados na sua vida escolar.

Os cálculos e suas fórmulas gigantescas provocam arrepios por serem tão extensos e complexos. Ainda, as avaliações são acumuladas, quase sequencialmente na mesma semana, o que muitas vezes torna-se cansativo e obriga-nos a estudar com antecedência como forma de evitar exames e reprovações. Também, por serem turmas heterogêneas com pessoas de outras cidades, de bairros distantes do BGV, torna-se difícil encontrar com os colegas para estudar em grupos.

De acordo com os relatos e aspirações futuras, não teremos doutores em matemática pura. Todos pesquisados pretendem continuar na carreira do magistério, darem aula, mas almejam especializar-se em educação matemática. Os acadêmicos demonstram mais interesse nas matérias das humanas que na das exatas. Recordando que Ametista pensa em talvez abandonar esta licenciatura por Educação Física, caso retorne a reprovar em Cálculo I.

Por fim, todos salientam a importância fundamental de seus familiares para a permanência e continuidade dos estudos. Descrevem que, enquanto tinham condições intelectuais, nas primeiras séries do ensino fundamental, contavam com o apoio dos pais, em especial, das mães para auxiliarem nas tarefas escolares. Mas, coincidentemente, todos os responsáveis não concluíram o ensino fundamental, o que dificultou ajudar nas tarefas mais complexas.

Mesmo assim, percebem nas mães a interferência para que houvesse equilíbrio e tranquilidade em seus lares como forma de ajudar nos momentos dos estudos. Alguns, ao contrário, como relata Quartzó Sodalítico, viam nos olhos de sua mãe a dúvida quanto ao ingresso na faculdade. Mas ao mostrar a capacidade que tinha, conquistou a confiança e apoio de sua mãe.

Esta pesquisa procurou conhecer a história destes graduandos em matemática da UFPEL, moradores de bairro periférico da cidade de Pelotas, RS, que quebraram o preconceito de que crianças pobres, moradoras de bairros violentos estão fadados ao fracasso escolar. Espero que a história destes acadêmicos sirva de inspiração e exemplo para que mais casos como estes cheguem a tão sonhada graduação.

Da mesma forma, espero que as relações que estes estudantes tiveram ao longo de seu desenvolvimento, bem como as transições ecológicas pelas quais

passaram, sirvam como aporte teórico para outros estudos que buscam compreender a teoria bioecológica do desenvolvimento humano, de Bronfenbrenner. Torna-se uma maneira de colaborar com a divulgação de novos trabalhos e novos achados, ideia defendida e sustentada por este autor.

Quando essa pesquisa aponta para o sucesso de quatro alunos de uma escola em que o universo é de mais de mil alunos por ano letivo, aproximadamente, com média de 50 formandos por ano, parece estranho o título “Quando dois mais dois são mais que quatro”. Pode parecer um cálculo que não fecha. Porém, essa conta não fala de indicadores, fala do improvável, do que Lahire chama de “razões do improvável” e que Charlot denomina de “êxitos paradoxais”, conforme especificado no trabalho.

Fala-se de um lugar em que se compararmos o número de alunos que entram na escola e os que saem em tempo certo, cumprindo seus nove anos de ensino fundamental, sem reprovação, são muito poucos. E se elevarmos nossos olhares e compararmos o ingresso dos mesmos no curso superior, é menor ainda. Portanto, certamente os $2 + 2$ são mais que quatro nesse amplo universo de estudantes do Meneghetti.

Para finalizar, deixo uma questão a ser pensada e talvez até digna de ser explorada em um trabalho futuro. Se fizéssemos uma pesquisa nos documentos da escola, de todos os alunos que ingressaram em um determinado período de tempo e quais os que conquistaram o ensino superior, independente da escolha do curso de graduação, será que não teríamos uma conta bem mais atraente, como $20 + 20... 50 + 50... 100 + 100$? Terminando, a seguir descreverei qual produto foi utilizado como aporte desta pesquisa, conforme exigência do PPGECM da UFPEL.

7 Produto Final

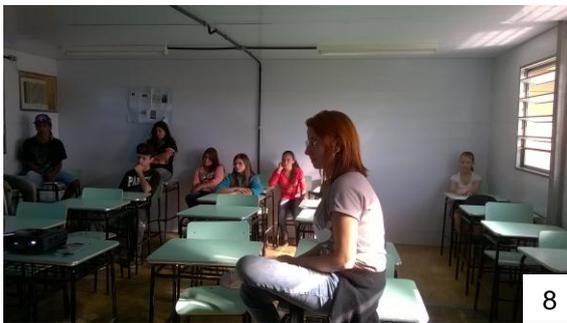
O produto desta dissertação foi um documentário sobre a Escola Mário Meneghetti, construído com os alunos da oitava série do ensino fundamental, no ano de 2015. Embora tenha sido realizado neste ano, os estudos e questionamentos sobre o que vem a ser um filme, qual sua contribuição e de que forma ele é realizado vem sendo trabalhado com estes estudantes desde o ano anterior, quando os mesmos cursavam a sétima série do ensino fundamental, em 2014.

No ano de 2014, a partir da película “Pro dia nascer feliz”, de João Jardim (2007) realizou-se um trabalho em sala de aula questionando a maneira como o ensino ocorre em algumas cidades do Brasil. Os discentes perceberam que a educação em outras localidades apresenta problemas bem piores que os que ocorrem em sua escola. Também, reconheceram situações semelhantes as que visualizam em seu cotidiano e inspiraram-se nas histórias reais, narradas pelos estudantes da película, para seguirem o mesmo caminho: não desistirem de seus sonhos e irem em busca de seus ideais. O desenvolvimento deste trabalho¹⁸, bem como o suporte teórico que o sustentou foi apresentado no XVI Encontro de Pós-Graduação UFPEL (ENPOS) em 2014.

No ano seguinte, em 2015, os discentes começaram a questionar a ideia de construir um filme a partir de uma escolha do grupo da sala de aula. Logo, procurou-se a Professora Cintia Langie, do curso de Cinema da UFPEL, a fim de que a mesma pudesse nos auxiliar na execução da película. A Professora Cintia nos apresentou às graduandas e bolsistas Kelly Christ e Digliane Andrade, sem as quais certamente a realização deste produto não teria ocorrido.

¹⁸ Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/CH_00909.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2016.

O próximo passo foi definir o que seria gravado. Por fim os alunos optaram em fazer um documentário sobre sua escola, em homenagem aos dez anos de funcionamento. A partir deste instante começaram as oficinas com as graduandas, algumas delas foram realizadas na escola e outras no prédio do curso de cinema. Ao todo foram cinco encontros de formação para as gravações: três na escola e dois na faculdade. Além destes, criou-se um grupo no *facebook* como forma de agilizarmos nossas ideias e dúvidas com as bolsistas. As fotos ilustram alguns desses encontros.



Figuras 8 e 9 - Oficina de cinema na escola: com Kelly e Digliane.



Figuras 10 e 11 - Oficina de cinema na escola: com Kelly



Figuras 12 e 13 - Oficina de cinema na faculdade de cinema: com Kelly.

Após a conclusão do documentário, as graduandas nos estimularam a participar do Festival de Vídeo Estudantil que ocorre no final do ano em Pelotas. Aventuramo-nos, inexperientes, como forma de conhecimento do processo, mas sem muitas expectativas, afinal, era nosso primeiro filme. Todos os vídeos realizados pelas escolas de Pelotas participam da disputa. Eles são enviados às escolas municipais (embora participem ou não do concurso), onde são apresentados às turmas que votam em categorias: melhor filme, melhor documentário, melhor ator/atriz, melhor ator/ atriz coadjuvante entre outras. Depois passa pela votação do corpo docente técnico do curso de cinema.

Passadas estas duas etapas, chega-se ao resultado final. Para surpresa, nosso documentário ganhou o troféu de primeiro lugar na categoria “Melhor Documentário” no IV Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas. Quando menciono surpresa não quer dizer que não confiávamos no potencial do nosso trabalho, pois nos empenhamos para tal. Mas é que concorremos com escolas experientes que já fazem este tipo de atividade em alguns anos anteriores. “Éramos marinheiros de primeira viagem”. Esse resultado foi muito estimulante para os alunos. Tanto que esta turma organizou a Semana de Consciência Negra na Escola, levando inclusive o reitor da UFPEL, Mauro Del Pino, para palestrar. A seguir fotos de alguns discentes com seu troféu.



Figuras 14 e 15 - Alunos da oitava série com o troféu.

Ao pensar no produto, algumas questões emergiram e me fizeram refletir. Por que não fazer um documentário com os graduandos, foco desta dissertação? Por que não criar algo relacionado às suas histórias de vida? Por que trabalhar na execução do produto com os alunos que tenho na escola hoje? Que vantagem isso traria para eles?

Logo, percebi que criar algo com os acadêmicos seria quase impossível, pois dois deles trabalham e estudam, paralelamente, tendo pouco tempo disponível para outras tarefas. Seria sobrecarregá-los em demasia, já que um produto exige tempo e dedicação para execução. Trabalhar com os alunos da escola permite aos mesmos ampliar o seu horizonte e perceber novas possibilidades de aprendizagem e continuidade dos estudos. As idas à universidade, o contato com as graduandas do cinema mostrou a estes discentes que a academia não é um sonho impossível de ser conquistado, apenas exige esforço para tal.

Tanto que esta turma de formandos foi uma das que mais se destacou na escola em termos de notas, execução de projetos e planejamento de ações futuras. Inclusive, foi a primeira turma a organizar um seminário conforme exposto. Talvez se tivéssemos pensando em atividades desse porte como forma de incentivo, talvez tivéssemos mais alunos universitários espalhados pelos cursos de graduação. É uma forma de começar a mudar as formas de se trabalhar e dar continuidade nas mesmas em busca de melhores resultados futuros.

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam (coord). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404p.
- ABRAMOVAY, Miriam (org). **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002. 154p.
- ABRAMOWICZ, Anete; Moll, Jaqueline. **Para além do fracasso escolar**. Campinas: Papyrus, 1997.
- ALVES , Paola Biasoli. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Psicologia: reflexão e crítica, v.10, n.2, 1997.
- ALVES , Zélia Mana Mendes Biasoli; DA SILVA, Maria Helena G. F. Dias. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Paidéia, FFCLRP – USP, Rib. Preto, n. 2, fev./jul.,1992.
- ARROYO, Miguel G. Fracasso – sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. Termo in: ABRAMOWICZ, Anete; MOLL, Jaqueline (orgs.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas: Papyrus, 1997. p. 11-26.
- BARBIERI, Maria Cristina Ostermann. **Um olhar sobre o cuidado em famílias monoparentais femininas de classes populares**. 2012. 147f. Pelotas Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012..
- BENETTI, Idonézia Collodel; VIEIRA, Mauro Luis Vieira; CREPALDI, Maria Aparecida; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, v. 9, n. 16, jan./dez. 2013.
- BEZERRA. 2004. Disponível em:
<leg.ufpi.br/subsitesFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT17/GT8.PDF>.
Acesso em: 02 maio 2016.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRONFENBRENNER, Urie. **La ecologia del desarrollo humano**. Paidós, 1987.

CARVALHO. 2010. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_35/arlena_carvalho.pdf>. Acesso em: 12 maio 2016

CHARLOT, Bernard. O conflito nasce quando o professor não ensina. **Revista Escola**, Editora Abril, set., 2006. (Entrevista)

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 97, p. 47- 63, maio 1996.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DA SILVA, Cármen A. Duarte; BARROS, Fernando et al. De como a escola participa da exclusão social: trajetória de reprovação das crianças negras. In: ABRAMOWICZ, Anete; MOLL, Jaqueline (orgs.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas: Papyrus, 1997. p.27-46

DOMINGUEZ, Bruno; MACHADO, Kátia. Lei Maria da Penha: limites ou possibilidades. **Radis**. Rio de Janeiro, n. 92, p. 10-15, abr. 2010.

GERALDO, Aparecida das Graças. **Os egressos do PROUNI e cotas no mercado de trabalho: uma inclusão possível?** 2010. 215f. Dissertação (Mestrado) UPM, São Paulo, 2010.

GUIMARÃES, Álvaro. Adolescente mata desafeto a tiros. **Diário Popular**, Pelotas, 06 ago. 2014. Polícia, p. 17.

GUIMARÃES, Álvaro. Adolescente suspeito de homicídio é recolhido. **Diário Popular**, Pelotas, 15 ago. 2014. Polícia, p. 19.

GUIMARÃES, Álvaro. Aumenta a violência contra as mulheres. **Diário Popular**, Pelotas, 17 jun. 2014. Polícia, p. 18.

GUIMARÃES, Álvaro. BM faz abordagem a ônibus. **Diário Popular**, Pelotas, 26 mai. 2014. Polícia, p. 13.

GUIMARÃES, Álvaro. Brigada Militar intensifica segurança nas linhas de ônibus. **Diário Popular**, Pelotas, 22 mai. 2014. Polícia, p. 21.

GUIMARÃES, Álvaro. Mulheres sofrem com a violência. **Diário Popular**, Pelotas, 07 jul. 2014. Polícia, p. 13.

GUIMARÃES, Álvaro. O medo anda de ônibus. **Diário Popular**, Pelotas, 21 mai. 2014. Polícia, p. 17.

GUIMARÃES, Álvaro. Ônibus da Conquistadora sofre arrastão na madrugada. **Diário Popular**, Pelotas, 19 mai. 2014. Polícia, p. 13.

GUIMARÃES, Álvaro. Outras investigações. **Diário Popular**, Pelotas, 08 jul. 2014. Polícia, p. 19.

GUIMARÃES, Álvaro. Ronda: Assalto no Getúlio Vargas. **Diário Popular**, Pelotas, 04 dez. 2014. Polícia, p. 18.

GUIMARÃES, Álvaro. Ronda: Assalto no Getúlio Vargas. **Diário Popular**, Pelotas, 12 dez. 2014. Polícia, p. 23.

GUIMARÃES, Álvaro. Ronda: Recaptura de Foragidos. **Diário Popular**, Pelotas, 11 jun. 2014. Polícia, p. 20.

GUIMARÃES, Álvaro. Três dias de cativo e horror. **Diário Popular**, Pelotas, 16 jun. 2014. Polícia, p. 13.

HALPERN, Bruno, PIEGAS, Cíntia. Como reduzir a violência?. **Diário Popular**, Pelotas, 23 dez. 2013. Criminalidade, p. 2-3.

HALPERN, Bruno. Insegurança que persiste. **Diário Popular**, Pelotas, 26 mar. 2014. Polícia, p. 17.

LAHIRE, Bernard. A escola é a estrutura estável de quem vive numa família instável. **Revista Escola**, Editora Abril, dez., 2014, jan., 2015. (Entrevista)

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. São Paulo: Didática, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARASCO, Carolina, RIBEIRO, Roberto. Ronda: Cumprimento de Mandado. **Diário Popular**, Pelotas, 9 jun. 2014. Polícia, p. 13.

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloísa. **A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias**. Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, n. 1, a. 4, p.63-77, 2004.

MAZON, Elana. Ronda: Menor. **Diário Popular**, Pelotas, 20 mar. 2014. Polícia, p. 22.

MENEZES, Luis Carlos de. A violência pode dar lugar à paz. **Pense Nisso**, Editora Abril, março, p. 98, 2009.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação**. Goiânia: 36º Reunião Nacional da ANPEd, set./out. 2013.

PATTO, Maria Helena Souza. **Exercícios de indignação: escritos de educação e psicologia**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

PIEGAS, Cíntia. Escola volta a ser alvo de arrombadores. **Diário Popular**, Pelotas, 18 mar. 2014. Polícia, p. 19.

PIOTTO, Débora Cristina. **A escola e o sucesso escolar: algumas reflexões à luz de Pierre Bourdieu**. São João Del Rey: Revista Vertentes, 2009.

POSTIC, Marcel. **Para uma estratégia pedagógica do sucesso escolar**. Portugal: Porto Editora, 1995.

ROSS, Rafaelle. O vale-tudo em nome de uma universidade federal: por trás da política de cotas. **Diário Popular**, Pelotas, 23 maio. 2016. Ensino, p. 2.

SANTOS, Maria José Etelvina dos. **O professor ecológico no contexto da instituição escolar**. Salvador: FAGED, n. 15, p.111-25, jan./jul. 2009.

SARMENTO, Hélder Boska de Moraes et al. (org.) **Violência e ética no cotidiano das escolas**. Belém: Unama, 2009. 96p.

SCHILLING, Flávia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

SCHNEID, Luciara. Adolescente leva tiro no rosto no Getúlio Vargas. **Diário Popular**, Pelotas, 30 jun. 2014. Polícia, p. 13.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WALTZER, Vinícius. Caminhos para a segurança. **Diário Popular**, Pelotas, 28 mai. 2014. Série Especial, p. 2- 3.

WALTZER, Vinícius. Inseguros dentro do lar. **Diário Popular**, Pelotas, 27 mai. 2014. Série Especial, p. 2- 3.

ZAGO, Nadir. **Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas**. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 10, n. 18, p. 70- 79, 2000.

Apêndices

APÊNDICE A – Modelo de solicitação enviado à Brigada Militar

Solicito, por meio deste, à Brigada Militar que disponha os dados estatísticos da criminalidade ocorrida no Bairro Getúlio Vargas, neste ano. O objetivo destas informações será reforçar o conteúdo já explicitado no jornal Diário Popular sobre os índices que apresenta na sua secção policial, sobre a violência, nesta localidade.

Todos estes subsídios serão utilizados na dissertação de mestrado, que encontra-se em construção, pelo Programa de Pós- Graduação no Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Estou cursando o segundo semestre deste curso, sou professora da E.M.E.F. Doutor Mário Meneghetti, localizada neste bairro e o foco do meu estudo são os alunos desta instituição. Portanto, como este estabelecimento escolar situa-se nesta imediação, necessito caracterizá-lo. Um de seus atributos é a violência que circunda sobre o mesmo.

Assim sendo, almejaria, se possível, colocar os dados obtidos junto à Brigada Militar e os coletados no Diário Popular como fontes que comprovem as características deste local. Não necessito de nomes, apenas de dados numéricos que enfatizem os furtos, assassinatos, brigas entre outros que ocorreram no bairro.

Certa de sua atenção, desde já agradeço.

Nádia Regina Barcelos Martins
CPF 94216223087
RG 3062650373

APÊNDICE B – Autorização SMED



Ao Coordenador do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas:

Tendo em vista o projeto apresentado pelo Mestrando do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas, Nádia Regina Barcelos Martins, autorizo a mesma a realizar pesquisa intitulada "Quatro casos de sucesso matemático no bairro Getúlio Vargas em Pelotas-RS", por entender condizente com os propósitos desta Secretaria, podendo trazer benefícios diretos e indiretos a melhoria da educação e de qualidade de vida.

O projeto será desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, seguindo a metodologia prevista, no período de 6 de agosto a 23 de dezembro de 2015, com os alunos da sétima série, que anuírem sua participação através de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos seus responsáveis legais, respeitadas as resoluções 196/96 e 466/2012 do Conselho Nacional da Saúde.

Pelotas, 06 de agosto de 2015.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Lucia', with a stylized flourish at the end.

Lucia Cristina Muller dos Santos
Secretária Municipal de Educação e Desporto

APÊNDICE C – Termo de consentimento

O presente termo refere-se à participação do (a) aluno (a) _____ como sujeito pesquisado no estudo intitulado **Quatro Casos de Sucesso Matemático no Bairro Getúlio Vargas em Pelotas - RS**, cujo objetivo é evidenciar a história desse estudante e de mais três colegas da E. M. E. F. Doutor Mário Meneghetti que, atualmente, cursam Licenciatura Plena em Matemática, na UFPEL.

Sua participação é essencial para análise das características do Bairro Getúlio Vargas, bem como para expor seu pensamento sobre o ensino na sua escola e em outras instituições de ensino. Também, é de suma importância, pois será um dos autores principais deste trabalho.

Todos os dados coletados através das entrevistas semiestruturadas serão mantidos em sigilo quanto ao autor ou respondente. O **nome dos estudantes não será citado**, nem nas entrevistas transcritas e nem nas atividades de roda de conversa.

Como professora de Matemática da E. M. E. F. Doutor Mário Meneghetti conto com sua colaboração.

Pelotas, ____ de _____ de 2015.

Assinatura do (a) aluno (a) entrevistado (a)

Assinatura da pesquisadora responsável

Caso surjam dúvidas, entre contato com a professora Nádia Martins pelo telefone (53) 3273- 7420 (manhã ou tarde) ou na própria escola (manhã ou tarde).